

MARCOS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

INTRODUÇÃO

O autor. Embora o Evangelho de Marcos não cite o nome do seu autor, temos evidências suficientes para identificarmos o mesmo. Todos os testemunhos disponíveis dos Pais da Igreja primitiva citam Marcos, o ajudante de Pedro, como sendo o escritor do livro. A tradição relacionada com a autoria de Marcos retrocede até Papias no fim do primeiro século ou logo no começo do segundo, e foi confirmada pelos escritos de homens tais como Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo, como também no Prólogo Anti-Marcionita do segundo século. Que Marcos, o companheiro de Pedro, era o João Marcos de Atos 12:12, 25 e 15:37-39, não está especificamente declarado, mas essa tem sido a opinião geral entre os críticos com exceção dos mais radicais. Essa identificação foi feita por Vincent Taylor (*The Gospel According to Mark*, pág. 26), Harvie Branscomb (*The Gospel of Mark*, pág. xxxviii) e H. B. Swete (*The Gospel According to Mark*, pág. xix).

As evidências no próprio Evangelho estão de acordo com o testemunho histórico da igreja primitiva. É óbvio que o autor conhecia bem a Palestina, e Jerusalém em particular. Ele faz referências geográficas que estão corretas nos mínimos detalhes (11:1), revelando assim o seu conhecimento pessoal da área. Ele conhece o aramaico, a língua da Palestina, como indica o uso que faz dela (5:41; 7:34) como também pela evidência da influência do aramaico no seu grego. Que

estava familiarizado com as instituições e costumes judeus vê-se na familiaridade com a qual ele se refere a esses assuntos (1:21; 2:14, 16; 7:2-4). Todas essas características apontam um judeu da Palestina como autor; e de acordo com Atos 12:12, João Marcos encaixa-se nessa descrição, uma vez que morava em Jerusalém. Além do mais, temos indicações no Novo Testamento que Marcos e o apóstolo Pedro mantinham um relacionamento íntimo um com o outro. Tem-se observado que há uma semelhança notável entre o esboço geral do Evangelho de Marcos e o sermão de Pedro em Cesaréia (Atos 10:34-43), o que aponta para Pedro como a fonte principal do material que Marcos usou. A isto pode-se acrescentar a referência de Pedro feita a Marcos, chamando-o de seu filho (I Pe. 5:13).

Sobre tais bases, portanto, de evidências externas e internas, pode-se afirmar confiantemente que João Marcos, o filho de Maria, e o ajudante de Paulo e Pedro, foi o autor do segundo Evangelho. Ouvimos pela primeira vez sobre Marcos em Atos 12:12, onde se fala de uma reunião de oração na casa de sua mãe. Jovem ainda, viajou com Paulo e Barnabé até Perge em sua primeira viagem missionária (Atos 13:5, 13). Tendo ele retornado para casa em lugar de continuar com o grupo, Paulo recusou-se a levá-lo na sua segunda viagem (Atos 15:36-41). Então Marcos acompanhou seu primo Barnabé (Cl. 4:10) à ilha de Chipre. Bem mais tarde, ele aparece com Paulo durante a sua primeira prisão em Roma (Cl. 4:10; Fm. 23, 24). Esteve com Pedro na Babilônia (I Pe. 5:13) e Paulo, durante a sua segunda prisão, pediu a Timóteo que trouxesse Marcos a Roma porque tinha provado ser útil ao trabalho (II Tm. 4:11).

Data e Local. Não há nenhuma declaração explícita no Evangelho, nem no restante do Novo Testamento, da qual possamos constatar uma data específica para a origem do livro. Ultimamente a maioria dos mestres colocam-na entre 50 e 80 A.D., com preponderância de opiniões favorecendo 65-70 A. D. Nossa melhor base para a data é a informação que temos dos Pais da Igreja. Irineu diz: "Mateus também produziu um Evangelho escrito em hebreu em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e

Paulo estavam pregando em Roma e estabelecendo os fundamentos da igreja. Depois de sua partida, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também escreveu para nós, anotando o que foi pregado por Pedro" (Irineu *Contra as Heresias* III 1.1). A palavra *exodon*, aqui traduzida para "partida", foi usada em Lc. 9:31, onde foi traduzida para "morte", referindo-se à morte de nosso Senhor. O apóstolo Pedro também usa a palavra aludindo à sua própria morte iminente (veja II Pe. 1:15). Que Irineu coloca a autoria de Marcos depois da morte de Pedro e Paulo ficou corroborado pelo Prólogo Anti-Marcionita, o qual declara de maneira explícita: "Depois da morte do próprio Pedro, ele escreve este mesmo evangelho. . . Tal evidência exige que se lhe dê uma data depois de 67 A. D., o ano provável do martírio de Paulo. Por outro lado, o fato de que a predição a destruição de Jerusalém (Mc. 13) não foi apresentada como cumprida pode indicar uma data anterior a 70 A. D. A data mais plausível, portanto, seria 67-70.

Embora Crisóstomo coloque a origem do Evangelho no Egito, temos muitos motivos para colocarmos o lugar do seu nascimento na cidade de Roma. Que esse é o caso ficou explicitamente declarado pelo Prólogo Anti-Marcionita e por Clemente de Alexandria, como também foi sugerido por Irineu.

Leitores. É quase unânime a opinião de que o segundo Evangelho foi dirigido à mente romana. O hábito de Marcos de explicar os termos judeus e seus costumes aponta leitores gentios (5:41; 7:24, 11, 34). As declarações de Clemente de Alexandria no sentido de que os que em Roma ouviram a pregação de Pedro insistiram com Marcos para que lhes providenciasse uma narrativa escrita é base suficiente para crermos que o Evangelho foi redigido para cristãos romanos. Que os leitores eram romanos pode ser confirmado pela presença de certos latinismos encontrados no livro. Que eles eram cristãos está plenamente confirmado pela introdução ao Evangelho, no qual se presume um conhecimento anterior da parte dos leitores. João Batista foi apresentado sem nenhum esforço de identificação; sua prisão foi citada como se os leitores já

conhecessem o fato; os termos *batizar* (1:4) e *Espírito Santo* (1:8) são usados sem qualquer explicação.

Características. Diversas peculiaridades notáveis da narrativa de Marcos fazem dela uma exceção entre os Evangelhos. O estilo foi descrito como pitoresco, enérgico e dramático. Um realismo vivo caracteriza tanto o estilo de Marcos como a sua narrativa simples dos fatos. Os acontecimentos foram descritos sem alteração ou interpretação extensa, e sua apresentação foi marcada pela qualidade da exatidão encontrada nas narrativas das testemunhas oculares. Um vigor pronunciado e uma nota de urgência podem ser sentidos em quase todas as passagens da obra. A palavra característica deste Evangelho de ação é *euthys*, o qual ocorre cerca de quarenta e uma vezes e foi traduzido para *logo, imediatamente, sem demora, dentro em pouco*. Os tempos gregos são usados com eficiência para aumentar o efeito dramático e descritivo da história de uma vida que já é dramática em virtude de sua natureza intrínseca. Em numerosos lugares aparecem palavras de vigor fora do comum, tais como "impeliu" (1:12), comparado com "conduzido" que aparece nos outros Evangelhos Sinóticos (Mt. 4:1; Lc. 4:1).

Em harmonia com essas peculiaridades entra a brevidade do livro propriamente dito e a narrativa concisa dos acontecimentos característicos (conf. Mc. 1:12, 13; Mt. 4:1-11).

Conteúdo. O Evangelho começa com um breve relato dos acontecimentos que deram início ao ministério público de nosso Senhor, isto é, seu batismo e tentação. Marcos omitiu assim, propositalmente é claro, qualquer referência ao nascimento e os primeiros trinta anos da vida de Cristo. Ele também não menciona o começo do ministério na Judéia, que foi registrado em Jo. 2:13 – 4:3. Sem qualquer explicação sobre os acontecimentos intermediários, o autor passa da tentação para o ministério na Galiléia. O primeiro período da obra ao norte da Palestina foi marcada por tremendo sucesso com multidões se ajuntando para ouvir o novo mestre, resultando em que ele achou necessário restringir

os ajuntamentos ao campo (Mc. 1:45). Vinha gente da Judéia e Iduméia para o sul da Peréia para o leste e de Tiro e Sidom para o norte (3:7, 8).

Quase simultaneamente, nosso Evangelho registra o começo da hostilidade a Cristo da parte dos líderes judeus. Esta oposição intensificou-se até se transformar em uma das características principais do segundo período da obra na Galiléia. Como resultado da inimizade desses líderes e da supersticiosa suspeita de Herodes Antipas, Jesus deu início a uma série de sistemáticas retiradas da região da Galiléia, sempre permanecendo na área em geral e freqüentemente retornando a Cafarnaum para uma rápida estada. Durante esses dias sua ocupação principal era de treinar os discípulos. A hora para a qual ele propositalmente se dirigia estava se aproximando rapidamente e foi nesse ponto que ele começou a preparar os seus, repetindo explicações, para a consumação de sua obra terrena com a morte e ressurreição.

Após as retiradas para treinamento dos discípulos, Marcos traça a última viagem de Cristo a Jerusalém através da Peréia. Ao fazê-lo nosso autor tornou a omitir considerável porção de material. Passou por cima de todo o ministério posterior na Judéia e a maior parte do trabalho além do Jordão na Peréia. De acordo com a característica brevidade do Evangelista, ele entra imediatamente na narrativa da Semana da Paixão. A este curto período Marcos dedica quase seis dos seus dezesseis capítulos, uma proporção inteiramente justificada quando se percebe que essa é a consumação proposital para a qual a vida de nosso Senhor se dirigiu.

ESBOÇO

I. O título. 1:1

II. Preparação do ministério de Cristo. 1:2-13.

A. Seu Precursor, 1:2-8.

B. Seu Batismo. 1:9-11.

C. Sua tentação. 1:12, 13.

III. O ministério de Cristo na Galiléia. 1:14 – 6:30.

- A. A chamada dos quatro primeiros discípulos. 1:14-20.
- B. Primeira viagem missionária pela Galiléia. 1:21-45.
- C. O desenvolvimento da oposição oficial. 2:1 – 3:12.
- D. Escolha dos Doze. 3:13-19.
- E. Preocupação dos amigos de Cristo e as acusações dos seus inimigos. 3:20-35.
- F. Parábola à beira-mar. 4:1-34.
- G. Viagem à Gadara. 4:35 – 5:20.
- H. A mulher com uma hemorragia, e a filha de Jairo. 5:21-43.
- I. Outra viagem missionária pela Galiléia. 6:1-30.
- IV. As retiradas da Galiléia. 6:31 – 9:50.
 - A. Retirada para a praia ocidental do lago. 6:31-56.
 - B. Discussão da injustificada exaltação da tradição. 7:1-23.
 - C. Retirada para a região de Tiro e Sidom. 7:24-30.
 - D. Retirada para Decápolis. 7:31 – 8:9.
 - E. Retirada para Cesaréia de Filipe. 8:10 – 9:50.
- V. Ministério de Cristo na Peréia. 10:1-52.
 - A. Comentários sobre o divórcio, as crianças e a riqueza. 10:1-31.
 - B. Conversa a caminho de Jerusalém,. 10:32-45.
 - C. A cura do cego Bartimeu. 10:46-52.
- VI. Final do ministério de Cristo em Jerusalém. 11:1 – 13:37.
 - A. Entrada em Jerusalém e no Templo. 11:1-26.
 - B. Controvérsias finais com os líderes judeus. 11:27 – 12:44.
 - C. O apocalipse no Jardim das Oliveiras. 13:1-37.
- VII. A paixão e a ressurreição de Cristo. 14:1 – 16:20.
 - A. Traição e devoção. 14:1-11.
 - B. A paixão do Senhor. 14:12 – 15:47.
 - C. A ressurreição do Senhor. 16:1-20.

Marcos 1

I. O Título. 1:1.

Essas palavras representam um título indicativo do conteúdo do livro como um todo. O **evangelho** aqui não é o livro, mas a mensagem, as boas novas da salvação por meio de Jesus Cristo. Os fatos da vida e morte de Cristo formara o **princípio do Evangelho**, o que significa que a pregação apostólica foi a continuação. **Filho de Deus**. Para Marcos, não menos do que para João, a divindade de Cristo é de primária importância, e assim ele a inclui no título do seu Evangelho.

II. A Preparação para o Ministério de Cristo. 1:2-13.

A. Seu precursor. 1:2-8.

Passando por cima do nascimento e primeiros anos da vida de Cristo, Marcos volta-se imediatamente para os acontecimentos que introduziram o ministério público do Senhor. Conforme profetizado no V. T., Jesus foi precedido por um arauto enviado a preparar os homens para o seu aparecimento. João Batista veio como o último representante da velha ordem com o propósito expresso de introduzir a personalidade-chave da nova.

2. Conforme está escrito. Esta cláusula deve ser ligada ao versículo 4. O batismo e a pregação de João estavam de acordo com as Escrituras. Esta era uma fórmula usada para indicar "um contrato inalterável" (Adolf Deissmann, Paul. *A Study in Social and Religious History*, pág, 101). **Na profecia.** A citação aqui é provavelmente uma fusão de Ml. 3:1 e Êx. 23:20.

3. Esta porção da citação é uma reprodução quase exata da Septuaginta, em Is. 40:3.

4. A palavra **batizar** significa *mergulhar* ou *submergir* e assim se refere à imersão. Não era um rito inteiramente novo, uma vez que o

batismo dos prosélitos judeus era uma forma de auto-imersão (G. F. Moore, *Judaism in the First Three Centuries of the Christian Era*, I, 331-335). João proclamou **o batismo de arrependimento**, isto é, um batismo caracterizado por, e significando arrependimento. No N.T., o arrependimento tem um significado mais profundo do que o seu sentido original de mudança da mente. Passou a se referir a uma íntima mudança de direção e propósito, um afastamento do pecado em direção da justiça. Josefo tornou claro que este era o pré-requisito para o batismo de João (*Antiquities of the Jews*, XVIII, v. 2).

Para remissão dos pecados. A preposição grega *eis* era usada, às vezes, com o significado de "por causa de". Portanto, o significado pode ser que João batizava por causa do perdão dos pecados.

5. Falando em hipérbole, Marcos descreve as multidões que acorriam de todas as partes da Judéia. **Saíam a ter.** O imperfeito descreve, à moda de um filme, a vinda contínua de pessoas para serem **batizadas** (também imperfeito). O rito era realizado **no rio Jordão**, uma expressão que deve ser entendida literalmente.

7. Nos versículos 7 e 8 Marcos registra o âmago da mensagem do Batista. Ele **pregava**, ou proclamava como um arauto (*kerussō*), o fato da vinda de alguém. **Correia.** A tira de couro usada para amarrar as sandálias. João não se considerava digno de servir o Mestre nem mesmo na qualidade de escravo.

8. O derramamento do **Espírito Santo** era esperado como característica do período messiânico (Joel 2:28, 29; Atos 1:5; 2:4, 16-21). Todo o período compreendido entre o primeiro e o segundo advento de Cristo é considerado messiânico, marcado pelo ministério do Espírito.

B. Seu Batismo. 1:9-11.

O ponto alto no ministério do precursor foi quando o "mais forte" do que ele veio se submeter ao batismo. Esse ato marcou o início oficial do ministério público de Jesus.

9. No Jordão. A preposição grega *eis* significando "em", "no", com as palavras "saiu da água" (v. 10) indica uma entrada no rio, sugerindo imersão. Respondendo à pergunta por que o Cristo sem pecado foi batizado com o batismo do arrependimento, pode-se dizer que esse foi um ato deliberado de identificação com os pecadores. Além disso, ele dava todo apoio ao ministério de João, e ser batizado era a coisa certa a fazer (Mt. 3:15).

10. Observe a primeira ocorrência do logo característico de Marcos (euthys); veja **Características**, na Introdução. A palavra de Marcos que foi traduzida para rasgar é muito incisiva no original, significando mesmo **rasgar, romper-se. O Espírito.** Conf. Is. 61:1; Atos 10:38.

C. Sua Tentação. 1:12,13.

Marcos, em conciso sumário, registra a tentação de Cristo em dois versículos, onde Mateus e Lucas empregam onze e treze versículos respectivamente. O ministério do Salvador deveria começar desse modo. Mais ainda ele manifesta sua solidariedade com a humanidade submetendo-se às tentações do ser humano (I Co. 10:13).

12. E logo. A mesma palavra de 1:10.

A palavra **Espírito** refere-se ao Espírito Santo, tal como em 1:8, 10. A tentação de Jesus não foi um acidente inevitável. O vigoroso estilo de Marcos pode ser observado na palavra **impeliu**, quando outros Evangelhos usam "conduziu".

13. Veja comentários sobre Mt. 4:1-11 e Lc. 4:1-13 para detalhes da tentação. Que foi uma tentação genuína à qual Cristo achou necessário resistir pode-se deduzir de Hb. 2:18; 4:15. Foi uma realidade, não uma farsa, e por meio de sua terrível realidade Cristo foi qualificado a ser nosso Sumo Sacerdote e nosso Exemplo em momentos de tentação. Que ele não se entregaria às solicitações do tentador foi assegurado pela onipotência de sua santa vontade.

III. O Ministério de Cristo na Galiléia. 1:14 – 6:30.

A. A Chamada dos Quatro Primeiros Discípulos. 1:14-20.

Novamente Marcos omite uma porção da vida e obra de Cristo, passando da tentação diretamente para o começo do ministério na Galiléia. Depois de uma declaração introdutória (vs. 14, 15), ele conta a chamada dos quatro pescadores para o discipulado.

14. Depois de João ter sido preso. Essas palavras sugerem que Marcos conscientemente passa por cima de um número de acontecimentos. Veja Jo. 1:35 - 4:42. **O evangelho. . . de Deus.** Provas encontradas em manuscritos são fortemente a favor da omissão das palavras **do reino**. A mensagem que Cristo continuou proclamando (*kerussôn*, ação contínua) durante o ministério na Galiléia foram as boas novas que vêm de Deus.

15. Marcos acrescenta uma amplificação da mensagem.

O tempo está cumprido. A estação (*kairos*) da preparação, o período do V.T., chegara à consumação de acordo com o plano de Deus (cons. Gl. 4:4).

O reino de Deus refere-se à soberania, ao reino real, de Deus (Arndt, pág. 134, 135). Essa sabedoria divina foi descrita como estando *próxima*, ou melhor, como *tendo se aproximado*. Não estava ainda presente de fato, mas potencialmente. Os termos da entrada eram:

Arrependei-vos e crede no evangelho. A mensagem de João foi uma mensagem de arrependimento, mas aqui se acrescentou uma observação nova e positiva. O reino nestes versículos é espiritual e presente (conf. Jo. 3:3, 5; Cl. 1:13). Em outras passagens, as Escrituras descrevem o reino futuro, escatológico.

16. Simão e André já conheciam o Cristo na qualidade de Messias (Jo. 1:40-42). Também é provável que João (Mc. 1:19) fosse um dos mencionados em Jo. 1:35-39, que seguiram Jesus.

B. Primeira Viagem Missionária na Galiléia. 1:21-45.

O ministério na Galiléia destacou-se por três viagens missionárias, nas quais Cristo sistematicamente levou a sua mensagem a todas as partes da Galiléia. A primeira e a terceira dessas viagens são contadas por Marcos. Nesta seção descreveu o ministério em Cafarnaum e no interior da Galiléia, colocando maior ênfase no primeiro. Versículos 21-34 descrevem um dia de atividades na cidade à beira-mar.

21. Cafarnaum era uma cidade importante na principal estrada para Damasco, sede de uma alfândega, a cidade dos cinco primeiros discípulos que Jesus chamou, como também o quartel-general do seu ministério galileu. **Ensinava.** Era costume convidar pessoas qualificadas para ensinarem na sinagoga.

22. Maravilharam-se. Uma palavra vigorosa, significando *impressionar intensamente*. **Doutrina.** A sua maneira de ensinar, como também o conteúdo, foi o que os impressionou, por causa da diferença que havia do ensino dos escribas. Estes últimos eram estudantes e mestres da lei escrita e oral, que ensinavam citando a palavra da autoridade dos escribas antes deles. Jesus falava como tendo autoridade direta de Deus.

24. Que temos nós contigo? Literalmente, "O que há entre nós?" O homem fala por si mesmo e pelo demônio que está nele.

Bem sei quem és. Ele tinha consciência da verdadeira identidade de Cristo como o **Santo de Deus**, indicando conhecimento sobrenatural concedido pelo demônio.

25. Cala-te! Uma palavra forte que significa *amordaçar*. A força da ordem é quase igual ao nosso "cala boca". **Sai.** Ambos os imperativos deste versículo são ordens para obediência imediata.

26. Agitando violentamente. O espírito convulsionou o homem ao deixá-lo.

29. Deixando a sinagoga, eles foram à casa de Simão, onde André, seu irmão, parece que morava. **Tiago e João** os acompanharam, mas não se deve entender que a casa também fosse deles. Provavelmente era a

casa citada em outras ocasiões posteriores que servia de quartel-general a Jesus e à qual ele retornava das suas viagens missionárias.

30. Achando-se acamada com febre. Marcos descreve a sogra de Pedro prostrada na cama e queimando de febre.

32. Esse ocupado dia em Cafarnaum era um sábado (v. 21), sendo esta provavelmente a razão da cuidadosa explicação de Marcos que os doentes foram trazidos **à tarde, ao cair do sol**. A cura não devia ser efetuada no sábado, como também não se devia carregar nenhum fardo. **Trouxeram-lhe.** O imperfeito grego significa ação contínua, significando que continuaram a trazê-los um depois do outro. **Endemoninhados.** *Daimonizomenous* significa "possuídos pelo demônio". Conf. 1:34, 39.

34. Não lhes permitindo que falassem. Os demônios estavam identificando Jesus como o **Cristo, o Filho de Deus** (Lc. 4:41) mas ele repetidamente recusou (gr. imperfeito) deixá-los falar. Esse conhecimento de sua pessoa é mais uma evidência de que não eram simplesmente casos de doença mental.

35. Alta madrugada refere-se à primeira parte da última vigília da noite, talvez entre as três e as quatro horas da manhã. Seu propósito era passar o tempo orando em preparação da viagem missionária que o devia levar a toda a Galiléia.

39. Nenhuma hipérbole foi pretendida na expressão, **por toda a Galiléia**. Pelo contrário, a intenção foi a de fornecer um breve resumo da primeira viagem missionária na Galiléia.

40. Sem dúvida a cura do leproso (vs. 40-45) aconteceu na viagem pela Galiléia. **Purificar-me.** A lepra era considerada cerimonialmente imunda (Lv. 13:1-3). Observe a fé do leproso na capacidade de Cristo.

43. Veemente advertência. O verbo de Marcos indica forte emoção, e foi usado aqui no sentido de uma advertência muito forte. No original significa *irado*.

Logo o despediu, ou, literalmente, *empurrou-o para fora* (*exebalen*; conf. 1:12).

44. Não digas nada a ninguém; mas vai. Devia apresentar-se imediatamente ao sacerdote cumprindo as exigências da Lei (Lv. 14:1 e segs.). Até que fosse declarado limpo pelas autoridades, não tinha o direito de reassumir seus relacionamentos sociais normais. Devia ser feito **para servir de testemunho ao povo**. Nenhuma testemunha seria mais forte nem teria mais autoridade do que a declaração que o sacerdote fizesse de que o leproso estava limpo.

45. Deixando o homem de obedecer imediatamente acrescentou tremenda popularidade a Jesus como operador de milagres. As multidões eram tão grandes que ele achou necessário realizar as reuniões **em lugares ermos**, isto é, lugares desabitados ou não cultivados. **Vinham ter com ele** como rios (*érchonto*, tempo imperfeito) vindos de todas as partes.

C. Desenvolvimento da Oposição Oficial. 2:1 – 3:12.

O propósito do autor nesta seção é mostrar o desenvolvimento do conflito entre Cristo e as autoridades judias. A crescente popularidade do Senhor naturalmente devia despertar o desfavor delas, uma vez que a sua mensagem, pela sua própria natureza, era contraditória à crença e prática das mesmas. Conseqüentemente, em cada um dos cinco incidentes aqui registrados, os fariseus são apresentados murmurando entre si, ou abertamente levantando questões e objeções.

Marcos 2

1. Esta volta à Cafarnaum marcou o final da primeira viagem à Galiléia. A expressão **dias depois** seria melhor entender-se como se referindo à sua volta. Conseqüentemente, o versículo seria "E quando entrou novamente em Cafarnaum alguns dias depois soube-se que estava em casa". A casa era provavelmente de Pedro (1:29) e este poderia muito bem ter relatado a Marcos a narrativa que se segue.

3. Paralítico. O homem foi chamado de *paralitikon*.

4. Uma casa antiga com o **eirado** plano devia ter uma escada que dava para cima, a qual poderia ter servido aos que carregavam o paralítico a subir sem dificuldade.

Descobriram o eirado. Isso foi feito cavando a massa de capim, estuque, tijolos e sarrafos, conforme indica o *exorysantes* de Marcos - fazendo um buraco.

O **leito** era um colchão ou um catre, do tipo usado pelos pobres.

7. Se uma pessoa aceita a suposição dos escribas de que Jesus era um simples homem, só pode chegar a mesma conclusão. Ele dizia **blasfêmia**. O conflito básico relacionava-se com a divindade de Cristo.

10. **Para que saibais.** A cura do paralítico tornou-se uma prova do poder do Senhor em perdoar pecados e, conseqüentemente, de sua divindade.

Filho do homem. Este é o título que Jesus escolheu para usar quase que exclusivamente para si mesmo. Seus antecedentes se encontram em Daniel e na literatura apocalíptica extra-bíblica dos judeus, onde se tornou uma designação do Messias (conf. Dn. 7:13, 14). **Poder.** A palavra grega significa **autoridade**.

12. Que ele levantou-se **logo** indica cura instantânea, tão completa que o homem pôde carregar seu próprio catre. O resultado foi que **admiraram todos**. Ficaram tão aturdidos que ficaram fora de si. O verbo *existêmi* significa "sair do lugar" ou "descontrolar-se".

13. A primeira acusação contra o Senhor na série de conflitos registrados por Marcos foi a acusação de blasfêmia (2:1-12). Uma segunda queixa levanta-se agora em 2:13-17 dizendo que Cristo se associava com os parias.

14. **Levi, filho de Alfeu** é o mesmo Mateus (Mt. 9:9; Mc. 3:18). **Alfândega.** A recebedoria. Cafarnaum ficava sobre a estrada que ia da Mesopotâmia para o Egito, como também ficava perto da junção da estrada que dava para Damasco. Sua localização perto dos limites do território de Herodes Antipas explica a presença do posto de pedágio.

15. Achando-se à mesa. O verbo significa *reclinar-se numa refeição*, a maneira costumeira de comer naquele tempo. **Na casa de Levi.** Conf. Lc. 5:29. **Publicanos.** Uma designação para os cobradores de impostos. O privilégio de cobrar impostos era comprado através do pagamento do imposto total exigido pelo governo. O cobrador ficava, então, livre para extrair o quanto possível do povo por meio da extorsão. Geralmente a cobrança propriamente dita era feita por cobradores menos importantes, classe estai qual Mateus provavelmente pertencia. Esses homens eram desprezados por causa dos serviços que prestavam a um senhor estrangeiro e por causa de suas práticas fraudulentas.

16. Os escribas dos fariseus. Os fariseus eram uma seita de leigos que seguiam rigorosamente os preceitos da lei escrita e oral, sendo meticulosos nos seus esforços de manter a pureza do cerimonial. Encaravam com desdém àqueles que não eram tão severos quanto eles na observância dos mandamentos, referindo-se a eles como "a multidão" (conf. Jo. 7:49). A classe chamada de **pecadores** aqui provavelmente incluía todos os que não eram fariseus.

17. Os são. Aqueles que são fortes e sadios. Jesus respondia às críticas do ponto de vista deles. Presumiam que eles mesmos eram justos e, portanto, não precisavam de ajuda. Jesus fala como o médico cuja obrigação é ajudar os doentes.

18. O próximo incidente registrado por Marcos é a interrogação relativa ao jejum (2:18-22). **Jejuam.** O grego diz simplesmente que eles **jejuam**. Talvez exatamente a ocasião da festa de Levi fosse um dia de jejum, uma vez que os fariseus costumavam jejuar duas vezes por semana, nas segundas e quintas-feiras (Lc. 18:12). A natureza do ministério de João e de sua mensagem estava em harmonia com a observância do jejum.

19. Os convidados para o casamento. Literalmente, filhos das bodas. Eram os amigos íntimos do noivo que serviam de seus assistentes, uma figura que foi usada aqui para se referir aos discípulos de Jesus.

Cristo veio para anunciar notícias alegres (conf. 1:14, 15); com tal mensagem de alegria, o jejum era completamente incongruente.

21. Pano novo. É o pano que não foi tratado pelo pisoador, que não está encolhido nem engomado. **O remendo novo.** Uma tradução mais aproximada do original seria *para que o tecido* (isto é, o remendo) *não o rasgue, arrancando o novo do velho*. Quando o remendo que não foi encolhido for molhando, vai encolher e rasgar o velho que já foi anteriormente lavado e encolhido. Portanto não é bom tentar remendar o sistema velho com o novo.

22. Odres velhos. Recipientes, para conter vinho, feitos de couro. A distensão causada pela fermentação do **vinho novo** arrebenaria os odres velhos porque já foram distendidos ao máximo. Portanto não é possível confinar à estrutura do velho legalismo à vitalidade da experiência nova produzida pela fé em Cristo.

23. As duas outras ocasiões de oposição a Cristo relacionada com atividades no sábado (2:23 – 3:6). **Searas.** Os discípulos estavam colhendo espigas de cevada ou trigo.

24. O que não é lícito. Ele não objetara à apropriação das espigas, pois a Lei o permitia (Dt. 23:25); estavam criticando o trabalho manual realizado no sábado. No seu zelo de guardar a letra da Lei nos mínimos detalhes, eles encararam o colher das espigas como sendo trabalho e assim uma violação de Êx. 20:10.

25. Jesus respondeu citando **o que fez Davi** certa vez, conforme registrado em I Sm. 21:1-6. Sua pergunta exigia a resposta afirmativa. A característica notável do incidente encontra-se na declaração **quando se viu em necessidade**. Cristo está declarando que a necessidade humana supera todo o mero ritual e cerimônias.

27. O sábado não fora criado com a intenção de ser um déspota insensível o qual o homem deveria servir fosse qual fosse o custo; antes, fora concedido ao homem por causa de sua necessidade de descansar.

28. Senhor também do sábado. Cristo não estava declarando sua liberdade de violar a lei do sábado, mas antes declarava sua qualificação de interpretar essa lei.

Marcos 3

3:1. A segunda controvérsia relacionada com o sábado e registrada por Marcos (3:1-6) ocorreu na **sinagoga**, provavelmente em Cafarnaum, uma vez que 3:7 fala de retirar-se **para o mar**.

2. Os críticos do Senhor **estavam observando** persistente e rigorosamente. O verbo indica uma posição maliciosa de esperar para poder apanhar uma pessoa numa armadilha. A prática da medicina no sábado era proibida pela tradição rabínica a não ser que a pessoa estivesse às portas da morte, que não era o caso nesta instância. Conseqüentemente, se Cristo curasse o homem, os judeus estariam prontos **para o acusarem** como violador do sábado.

4. É lícito? A pergunta de Jesus retrocede ao princípio da necessidade que já foi discutida na discussão anterior sobre o sábado. Atender a necessidade desse homem seria **fazer o bem**; deixar de atender seria **fazer o mal. Eles calaram-se.** O imperfeito grego descreve-os persistindo em seu silêncio. Responder seria prejudicial. Obviamente, fazer o mal não era permitido pela lei, e fazer o bem seria curar o homem.

6. Os herodianos não eram por assim dizer uma seita religiosa. Eram, antes, homens politicamente devotados à família de Herodes. Conseqüentemente, não tinham verdadeira afinidade com os fariseus, que odiavam zelosamente a dominação estrangeira; mas um oponente comum pode criar estranhas coligações entre inimigos.

7. O incidente registrado nos versículos 7-12 fornece outro vislumbre da fama muito difundida do Senhor, que trazia gente de perto e de longe para vê-lo e ouvi-lo. A multidão se compunha de pessoas de todas as províncias com exceção de Samaria, até mesmo de áreas

externas da Palestina, tais como Tiro e Sidom (vs. 7, 8). **O mar** para o qual **retirou-se Jesus** era o Mar da Galiléia.

9. Um barquinho. A multidão era tão grande que chegava a oprimi-lo (*thlibô*), ficando Jesus em perigo de ser esmagado. Portanto o barco devia ficar **pronto. . . junto dele** para que pudesse entrar no mesmo se fosse necessário escapar à pressão da multidão.

10. Essa grande popularidade desenvolveu-se **pois curava a muitos**. O grande desejo dos doentes e aflitos de receberem ajuda está evidente nas palavras . . . **se arrojavam a ele**. Marcos diz ao pé da letra que eles praticamente se jogavam sobre o Senhor, tal era a sua ansiedade de se aproximarem dele. O verbo é contínuo no sentido, descrevendo ação continuada.

11. Veja comentários sobre 1:24, 34.

D. A Escolha dos Doze. 3:13-19.

Desde o começo do seu trabalho na Galiléia (1:14) até a escolha dos doze, Jesus experimentou sucesso notável em alcançar o povo com a sua mensagem. Ele tinha acesso às sinagogas, e a oposição oficial estava apenas começando a se solidificar. Durante esses dias ele estava agrupando à sua volta um grupo de seguidores dentre os quais selecionaria um grupo permanente de discípulos. Em contraste, o segundo período do ministério na Galiléia foi marcado pela presença dos doze discípulos como ajudantes escolhidos de Cristo. O ministério às multidões prosseguiu, mas houve também um esforço da parte de Jesus de começar a instrução dos seus discípulos. Sua popularidade com o povo simples e a oposição dos líderes continuaram a se desenvolver até que finalmente tornou-se necessário que ele se retirasse da Galiléia.

13. A escolha dos discípulos aconteceu em um **monte**, provavelmente nas vizinhanças de Cafarnaum. Parece que Jesus pediu a um grupo maior que o acompanhasse na viagem até a região montanhosa.

14. Desse grupo maior ele selecionou os **doze** que ele designou como seus apóstolos (conf. Lc. 6:13). **Designou** é o verbo grego que melhor traduz (*epoésen*; literalmente, *fez*). O propósito da nomeação era duplo: para estarem com ele (companhia e treinamento) e para que pudessem sair e pregar e expulsar demônios (v. 15).

16. Em relação à ocasião quando Simão foi chamado de **Pedro**, veja Jo. 1:42, onde o nome aramaico, **Cefas**, foi usado em lugar do grego, **Pedro**.

17. Boanerges. Este lado de suas personalidades pode ser visto em Lc. 9:54.

18. André. O irmão de Pedro (Jo. 1:40,41). **Bartolomeu.** Identifica-se com Natanael (Jo. 1:45-51; 21:2). **Tiago, filho de Alfeu,** pode ser o mesmo Tiago menor (Mc. 15:40). **Tadeu** é o mesmo Judas, irmão de Tiago menor (Lc. 6:16). **Simão o zelote.** O nome encontrado nos melhores manuscritos gregos é *kananaion*, uma transliteração do termo aramaico que significa "zelote". Parece que Simão, antes de ser discípulo de Cristo, era membro do fanático partido patriota dos zelotes, que estavam a favor da revolta imediata contra o poderio romano.

19. É nesta altura que Mateus e Lucas colocam o Sermão do Monte.

20. Para casa. Uma expressão que significa "voltar para casa". Provavelmente Cristo retornou à casa de Pedro em Cafarnaum.

E. A Preocupação dos Amigos de Cristo e as Acusações dos Seus Inimigos. 3:20-35.

Estes versículos indicam as atitudes dos amigos e inimigos em relação a Jesus. Ambos os grupos o interpretaram mal, com o resultado de que seus amigos preocuparam-se demais com o seu bem-estar, enquanto seus inimigos voltaram-se contra ele com acusações viciosas.

20. Que nem podiam comer pão. Marcos dá um vislumbre das grandes multidões que continuamente vinham ouvir e ver Cristo. **Pão** deve ser entendido como uma referência ao alimento em geral.

21. Os parentes que se preocuparam eram de fato membros da família, que é a conotação normal da frase grega, *hoi par' autou*. Parece que sua mãe e seus irmãos ficaram sabendo, lá em Nazaré, de suas incessantes atividades. Seu propósito era de o **prender** e de levá-lo à força com eles, porque achavam que ele estivesse esgotado e mentalmente perturbado.

22. Quando a família chegou a Cafarnaum, encontrou o Senhor ocupado discutindo com **os escribas . . . de Jerusalém**. A discussão surgiu por causa das repetidas acusações dos **escribas** (gr., imperfeito, *elegon*) que Jesus estava aliado ao poder satânico. **Belzebu**. A origem e o significado da palavra não são conhecidos, mas obviamente foi usada nesta ocasião referindo-se ao diabo, o **maioral dos demônios**. A acusação era que Cristo recebera poder do próprio Satanás e que através dele expulsava demônios.

23. Jesus tomou a iniciativa e **convocando** os seus acusadores, convidou-os a enfrentá-lo face a face. A lógica que usou contra aqueles acusadores foi irrefutável. Se concordassem que os demônios são servos de Satanás, então seria ilógico assegurar que Ele estivesse expulsando os seus próprios servos. Este argumento o Senhor reiterou em 3:24-27, corroborando-o com uma série de ilustrações.

27. O valente deve representar Satanás. Expulsar demônios é entrar **na casa e roubar-lhes os seus bens**. Cristo estava afirmando que, em vez de estar aliado a Satanás, Ele estava ocupado em combater o mesmo.

29. Blasfemar contra a Espírito Santo é o ato de injuriar, vilipendiar, falar maliciosamente contra a Espírito. Para tal pecado não haverá **perdão** nunca. **Visto que é réu, culpado, intimado**, tem o sentido de estar sob o seu domínio. Todos os melhores manuscritos dão **pecado eterno** em lugar de **eterno juízo**.

30. Porque diziam. A declaração dos escribas revela a natureza de sua ofensa eterna. Eles explicavam os milagres de Cristo como exorcismo realizado pelo poder de Satanás, quando na realidade eram realizados pelo Espírito Santo. Entretanto, não devemos interpretar esta

passagem como se ensinasse que uma simples declaração contra o Espírito seja pecado imperdoável, pois isto seria contrário ao ensino geral das Escrituras que todo e qualquer pecado será perdoado à alma arrependida. A essência do "pecado eterno" é a atitude do coração que sustenta o ato. À luz das Escrituras, considerando-as como um todo, esta atitude só pode ser um estado de espírito fixo e impenitente que persiste na rejeição rebelde das propostas do Espírito Santo.

31. Enquanto Jesus estava ocupado nesta discussão com os escribas, chegaram **sua mãe e seus irmãos e mandaram chamá-lo**. Parece que fizeram a viagem de Nazaré a fim de levá-lo com eles para casa para descansar e se recuperar, pois é o que pensavam que estava precisando (conf. 3:20, 21). **Irmãos.** Veja comentários sobre 6:3.

33. Cristo aproveitou esta ocasião oportuna para destacar a importância de se relacionar com ele espiritualmente.

35. A entrada na família de Deus se consegue fazendo **a vontade de Deus**, e tal obediência começa ouvindo, crendo e seguindo o Filho de Deus.

Marcos 4

F. Parábolas à Beira-mar. 4:1-34.

Aqui vem à tona um diferente método de ensino. Ainda que Cristo usasse o ensino alegórico até um certo ponto anteriormente, só nessa ocasião do seu ministério ele começou a empregá-lo como veículo importante de expressão. Conforme as multidões foram aumentando, a oposição se intensificando e os seguidores superficiais foram se multiplicando, Jesus adotou a parábola como meio de instrução dos seus próprios discípulos, de um lado, e do outro escondendo a substância do seu ensino dos ouvintes superficiais e antagônicos. Nessa ocasião ele usou as parábolas para ilustrar certas características do Reino.

1. O cenário para a apresentação da primeira dessas parábolas foi **à beira-mar**, que presume-se seja o Mar da Galiléia. Novamente a pressão

da multidão obrigou o Senhor a falar ao povo de dentro de um barco um pouco afastado da praia.

4. O solo **à beira do caminho** ficou endurecido com a passagem de muitos pés, de modo que a semente ficou na superfície à vista de todos, e as aves a comeram.

5, 6. A segunda área onde a semente caiu foi **solo rochoso**, que não deve ser entendido como terra contendo pedras, mas uma rocha coberta com fina camada de terra. O calor do sol primeiro transformou esse solo em um viveiro que produziu rápida germinação e, a seguir, em uma fôrnalha que **queimou e secou** a tenra plantinha.

8. E o restante da semente foi semeado em **boa terra**. É simplesmente razoável que se presuma que a maior parte da semente fosse semeada nesse tipo de solo, e não apenas 25 por cento, como se declara às vezes. **Vingou e cresceu**. Não foi o fruto que vingou. Esses dois participios referem-se à palavra outra, e portanto foi a semente que cresceu.

11. O mistério. Nas misteriosas religiões pagãs, os iniciados eram instruídos nos ensinamentos esotéricos do culto, que não eram revelados aos de fora. Sobre o reino de Deus, veja comentários em 1:15. **O mistério do reino** é em última instância a mensagem total e completa do Evangelho (conf. Rm. 16:25, 26). O propósito das **parábolas** era instruir os iniciados sem revelar os itens da instrução àqueles que estavam **de fora**. Isso está de acordo com o princípio bíblico que a compreensão espiritual restringe-se àqueles que se tornaram espirituais pelo devido relacionamento com Cristo e sua mensagem (I Co. 2:6 e segs.).

12. Que esse era o propósito de Cristo ao usar as parábolas foi mais adiante confirmado por uma citação do V. T. A citação foi introduzida com a conjunção grega *hina* (que), a qual neste exemplo não pode ter um significado resultante mas deve indicar propósito (Alf, 1, 333). Este versículo é uma tradução livre de Is. 6:9, 10, dando a substância, mas não reproduzindo o enunciado exato da passagem profética.

14. O semeador (v. 3) não foi identificado, mas obviamente representa o próprio Cristo e todos os outros que proclamam o Evangelho. A semente é **a palavra**, a qual é, conforme Lucas explica, a palavra de Deus, ou a mensagem que vem de Deus.

15. As aves de 4:4 representam Satanás, que se aproxima daqueles que ouvem a mensagem e evita que haja germinação da semente. Tais pessoas ouvem simplesmente a palavra, e isso é tudo.

16. Cons. versículos 5, 6. Alguns ouvintes da palavra **recebem-na** com alacridade. A aparência de sinceridade e alegria genuína estão presentes.

17. A declaração de que **não têm raiz** indica a superficialidade de sua recepção da palavra. **São de pouca duração**, ou transitórios, que é a tradução para *proskairoi*. O calor do sol (v. 6) ilustra a vinda da **angústia ou perseguição**, que logo se transformam em pedra de tropeço, e eles se afastam porque a sua experiência com a palavra não é genuína.

19. Cons. 4:7. Os **cuidados** são ansiedades e preocupações relativas aos interesses desta presente era de impiedade (**mundo** é uma tradução imprecisa de *aion*, que se refere a um período de tempo).

A fascinação das riquezas refere-se à natureza enganadora da riqueza, sempre prometendo satisfazer mas sempre incapaz de cumprir a promessa. O terceiro impedimento é o anseio ou desejo **das demais ambições**, uma categoria geral incluindo tudo mais que poderia sufocar a palavra e torná-la **infrutífera**.

20. Cons. 4:8. A boa terra significa as pessoas que **ouvem a palavra e a recebem**. Um comentário sobre o significado de **recebem** encontra-se em Mt. 13:23 e Lc. 8:15. São pessoas que ouvem, que entendem, que são sinceras e que se apropriam da mensagem do Evangelho permanentemente.

21. As palavras de 4:21-25 são declarações gerais que Cristo parece ter usado em diversas ocasiões (sobre v. 21 cons. Mt. 5:15; sobre v. 23 cons. Mt. 11:15; 13:9, 43; Lc. 14:35; sobre v. 24b cons. Mt. 7:2; sobre v. 25 cons. Mt. 25:29). O propósito de Cristo nesta ocasião era enfatizar a

responsabilidade que recai sobre o ouvinte das parábolas. Aquele que foi iluminado deve, por sua vez, iluminar os outros (Mc. 4:21-23). **Candeia** é a melhor tradução. **Alqueire**. Não o mesmo alqueire de hoje; equivale ao celamim. O velador era uma haste de madeira para suporte do candeeiro aberto alimentado a azeite que se usava naquele tempo.

25. Ao que tem. O princípio apresentado nesta declaração deve ser aplicado especificamente ao reino da verdade e sua apropriação. Aquele que toma posse da verdade e a usa receberá maior esclarecimento, mas aquele que se recusa a apropriar-se da verdade perderá até mesmo o conhecimento da verdade que uma vez possuiu.

26. A segunda parábola sobre o Reino que Marcos registra é a do solo que produz espontaneamente (vs. 26-29). Na realidade, ela recomeça no ponto onde a Parábola do Semeador parou, prosseguindo exatamente na descrição do crescimento da semente que produz fruto. O aspecto do reino que está se considerando é o aspecto presente, espiritual, na sua realidade interna como também nas suas manifestações externas. Este reino se estende pela semeadura da **semente** da palavra (cons. v. 14).

28. O motivo por que a terra **por si mesma frutifica** (*automatê*, "automaticamente") é que a semente contém vida, a qual, quando colocada no ambiente adequado, produz crescimento. A característica do reino da graça presente e espiritual, conforme apresentado por esta parábola, é que a mensagem do Evangelho pela sua própria natureza, quando semeado nos corações dos homens produz crescimento e frutifica espontaneamente.

30. A terceira parábola de Marcos relativa ao Reino refere-se à semente da mostarda (vs. 30-32).

31. Aqui o Reino foi comparado à **um grão de mostarda**. Muito se tem escrito sobre a identificação desta planta, mas parece melhor considerá-la como sendo a mostarda negra comum, que tem a semente do tamanho da cabeça de um alfinete (Harold N. and Alma L. Moldenke,

Plants of the Bible, págs. 59-62). Sua semente é uma das menores conhecidas pelo povo da Galiléia.

32. O fenômeno notável dessa planta de mostarda particular é que, embora seja um arbusto, pode chegar à altura de dez ou doze pés, com a haste da grossura do braço de um homem e constitui lugar de pouso para uma variedade de aves de porte pequeno. Esta parábola fala do desenvolvimento ulterior das características do reino de Deus presente e espiritual. O ponto principal aqui é que a semente da mensagem do Evangelho produzirá crescimento fenomenal. De pequenos começos, o Reino, que apenas aproxima-se na pessoa de Cristo (1:14, 15), em razão de sua própria vitalidade interior e sobrenatural, crescerá em proporções tremendas. Isto não significa que o resultado será a conversão do mundo, nem que os homens pelos seus esforços estabelecerão o reino de Deus na terra como um desenvolvimento utópico, nem que o Reino e Igreja sejam idênticos. A parábola descreve, entretanto, o reino da graça incluindo multidões de pessoas redimidas que através dos anos vieram engrossar suas fileiras até atingirem um tamanho fenomenal.

G. Viagem a Gadara. 4:35 – 5:20.

Provavelmente por necessidade de isolamento e descanso, Jesus propôs uma viagem através do lago da Galiléia. Com a vivacidade tão característica de nosso autor, Marcos apresenta uma narrativa pitoresca da tempestade que foi apaziguada (4:35-41) e da libertação do homem endemoninhado que Cristo encontrou do outro lado (5:1-20).

37. Grande temporal de vento era típico do Mar da Galiléia, situado em uma bolsa, como se encontrava, com montanhas por todos os lados. O levantamento do ar quente do dia permitia ao ar mais frio das colinas descer rapidamente sobre o lago pelas ravinas girando e rodopiando, o que agitava as águas em fortes tempestades. A narrativa de Marcos é cheia de vida, levando seus leitores para o próprio cenário da ação. **As ondas se arremessavam contra** (gr. imp.) o barco e este já estava a encher-se (gr. pres.) **com água**.

39. Apresentando um contraste, Marcos narra a ordem que Cristo deu à tempestade. O aoristo grego mostra que ele **repreendeu** o vento uma vez (ação imediata), e houve **grande bonança** (gr. aoristo). Não houve necessidade que o Senhor repetisse a sua ordem, pois suscitou obediência imediata.

Acalma-te, emudece! Literalmente, *Fique quieto. Cale a boca*. Lenski traduz o perfeito imperativo da segunda ordem de Cristo de maneira interessante, "Coloque a mordaca e a mantenha em seu lugar" (R. C. H. Lenski, *The Interpretation of Mark's Gospel*, pág. 201).

40. Tímidos. Cristo os repreendeu por causa do seu medo covarde, e transformou a ocasião em um estímulo para a fé. Ele sugeriu que se a confiança deles estivesse firmada em Deus, mesmo que ele estivesse dormindo, eles não teriam motivos para temer.

41. Possuídos de um grande temor. O termo grego que foi usado aqui não é o mesmo do versículo 40. Esta palavra pode significar "medo ou temor reverente e respeitoso". Apesar de todas as grandes obras que os discípulos testemunharam, este milagre foi tão fenomenal que ficaram imaginando quem realmente seria o seu mestre. **Quem é este?**

Marcos 5

5:1. Os gerasenos. Os manuscritos gregos dividem-se entre três diferentes nomes nesta passagem – gadarenos, gerasenos e gergesenos. Há mais indícios que favorecem gerasenos, um termo que alguns consideram referente a bem conhecida Gerasa, vinte milhas ao sudeste do Mar da Galiléia. Há, portanto, bons motivos, para crermos que Marcos se refere a uma cidadezinha do mesmo nome no litoral ocidental, cujas ruínas chamam-se hoje em dia Querseia (cons. Harvie Branscomb, *Mark*, págs. 89, 90).

3. Este homem morava habitualmente **nos sepulcros** ou entre as sepulturas, como indica o imperfeito grego. Alcançara um estado tão extremo que não podia ser amarrado por ninguém, nem mesmo **com cadeias**.

4. A impossibilidade de prender o homem foi dramaticamente enfatizado pelos termos e tempos vigorosos. Os **grilhões** eram usados nos pés. Quantas vezes foi amarrado estraçalhou **as cadeias** e esmigalhou os **grilhões**. **Ninguém podia subjugá-lo**. O texto grego indica que ninguém tinha forças suficientes para amansar esta besta humana.

5. **De dia e de noite**, continuamente (texto grego) **clamando**, dando gritos e guinchos e **ferindo-se com pedras**. O último verbo está na forma intensiva, significando que ele se cortava todo ou se reduzia drasticamente em pedaços.

7. **Jesus, Filho do Deus Altíssimo**. Uma indicação notável de conhecimento sobrenatural. O homem sofredor tinha consciência do nome humano de Jesus e também de sua Divindade, embora este, conforme parece, fosse o seu primeiro encontro com Cristo. Tal conhecimento é prova que o homem não estava simplesmente louco; estava habitado por poderes demoníacos que conheciam a verdadeira identidade de Cristo. **Não me atormentes**. Mateus 8:29 diz, "Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?" E Lc. 8:31 fornece maiores esclarecimentos contando que eles lhe pediram que não os enviasse "para o abismo". O tormento do qual falavam os demônios é o castigo final depois do dia do juízo; eles pediram que não os aprisionasse no abismo antes do tempo.

9. A pergunta, **Qual é o teu nome?** foi endereçada ao espírito imundo (demônio) mencionado no versículo 8. Este mesmo espírito responde em 5:9, 10. Já por outro lado, no versículo 12, todos os demônios falaram. **Legião**. Uma unidade do exército romano que consistia de mais de 6.000 homens. **Somos muitos**. Um demônio era o porta-voz dos muitos outros que tinham se apossado do homem.

10. O significado da frase, **para fora do país**, encontra-se na referência que Lucas faz ao **abismo** (8:31). Eles temiam ir ao lugar da prisão onde teriam de permanecer sem corpo até o julgamento.

12, 13. Em lugar de serem desincorporados imploraram que fossem enviados **para os porcos**. A questão persistentemente provocada por esta

passagem refere-se à ética da atitude de Jesus, resultando, como aconteceu, na destruição da propriedade alheia. Uma resposta comum tem sido que os judeus não deviam possuir porcos, e que Cristo assim repreendeu-os por contrariarem a lei de Moisés. Mas considerando que a região de Decápolis continha uma população mista de judeus e gentios, não temos certeza se os proprietários eram judeus ou que esse fosse o propósito da atitude de Jesus. Observe que ele não ordenou aos demônios que entrassem nos porcos; apenas permitiu. Foram os demônios, não o Senhor, que causaram a destruição. O fato de Cristo ter permitido o ato não o torna mais responsável do que Deus é responsável pelo mal de qualquer qualidade só porque o permite. O diabo afligindo Jó é um exemplo disso (Jo 1:12; 2: 6, 7).

15. Temeram, não do homem curado, mas do notável poder que o tinha curado. Estavam conscientes do poder sobrenatural na pessoa de Cristo mas inconscientes do seu infinito amor e misericórdia.

17. Sem o saber, imploraram à fonte da bênção e salvação em potencial que **se retirasse** do seu território.

18. Enquanto Jesus entrava no barco, o endemoninhado já curado continuou rogando que **o deixasse estar com ele**. Só ele, entre todos os seus contrerrâneos, viu em Jesus, não alguém a temer, mas alguém a amar.

19. Jesus, porém não lho permitiu. Isto é, não permitiu que o acompanhasse. Em lugar disso, ordenou-lhe que fosse a sua própria gente e lhe contasse **tudo quanto o Senhor te fez**. Um princípio básico está sob a ordem de Cristo. O homem não é liberto da escravidão apenas para o prazer de desfrutar a liberdade concedida por Deus, mas também para dar o seu testemunho aos outros em relação ao divino Libertador. Nas terras ao leste do Mar da Galiléia não havia motivos para se temer qualquer crise causada por excesso de popularidade. Por isso o endemoninhado curado foi estimulado a espalhar a sua história. **Teve compaixão.** O verbo grego significa ter *compaixão* ou *piedade* de alguém.

20. Em Decápolis. Esta região fica ao sudeste do Mar da Galiléia, que continha dez cidades (*deka*, "dez"; *polis*, "cidade") com cultura e organização gregas.

H. A Mulher com Hemorragia e a Filha de Jairo. 5:21-43.

Nos versículos seguintes foram descritos dois milagres notáveis. A cura da mulher que tinha uma hemorragia, que se realizou sem qualquer ato aparentemente cômico da parte de Cristo. A ressurreição da filha de Jairo foi o segundo exemplo no ministério de Cristo de restauração de vida aos mortos (cons. Lc. 7:11 e segs.).

22. Jairo era um dos principais da sinagoga, que o identifica como um dos anciãos que estavam encarregados do serviço da sinagoga que Jesus freqüentava em Cafarnaum.

23. Insistentemente lhe suplica. Ele continuou implorando, talvez repetidas vezes e com desespero. **Filhinha.** Todos os comentaristas acham que o diminutivo indica um termo carinhoso. **Está à morte.** Uma boa paráfrase do texto grego, que indica que ela estava no último estágio de sua doença. O grego de Marcos descreve com muita vida a angústia desse pobre pai ao rogar em frases entrecortadas: "Minha filhinha está às portas da morte – que venhas e . . ."

24. A multidão que seguia Cristo continuou amontoando-se ao redor dele (imp. gr. *synethlibon*).

25. De uma hemorragia. Nenhum dos Evangelhos descreve especificamente a natureza desta hemorragia a não ser que era uma doença crônica.

26. Marcos é muito franco em seus comentários referentes à experiência da mulher com vários médicos. Ela foi de um médico a outro em busca de cura. Mas em lugar de ser curada, sofreu muito nas mãos deles, gastou tudo o que tinha e ainda piorou. Lucas, o médico, não é tão rude na sua descrição (Lc. 8 : 43).

27. A multidão que continuou a assediá-lo.

28. (Ela) **dizia**. "Ela continuou dizendo" (imp. gr.), provavelmente a si mesma.

29, 30. Esta cura foi excepcional, não simplesmente porque foi instantânea mas porque aconteceu sem qualquer participação aparentemente cônica de Cristo. Entretanto, Jesus **logo** tomou conhecimento do que aconteceu. Não devemos imaginar que o tocar nos vestidos tivesse algum efeito mágico, mas que Jesus em sua onisciência reconheceu o toque da fé e satisfaz o desejo da mulher. Pode-se também aceitar que a cura não fosse um ato consciente de Cristo, e que foi Deus o Pai que curou a mulher. Neste caso, Jesus, na limitação de sua humanidade, não o percebeu até que o milagre aconteceu. **Poder**. Era "poder" (gr., *dynamis*) que operou a cura. A pergunta, **Quem me tocou?**, pode ter sido feita a fim de revelar o milagre à multidão, se aceitarmos que a cura foi conscientemente operada por Cristo. Caso contrário, Cristo pode ter perguntado para sua própria informação.

31. Como de costume, a maneira pitoresca de Marcos usar os tempos dos verbos esclarece-nos. Ele conta que os seus discípulos continuaram insistindo, "Não vês que a multidão te aperta continuamente. . ."

32. Evidentemente a mulher não foi percebida à primeira vista, pois Marcos diz que ele continuou olhando **em redor** (gr. tempo imp. voz média).

34. Tua fé. Vemos a fé desta mulher em ação em 5:27, 28, uma tão forte confiança que ela não achou necessário captar a atenção de Jesus. **Te salvou. . . fica livre do teu mal.** A primeira expressão significa literalmente **te salvou**, referindo-se à salvação da aflição física. A segunda expressão significa **tenha saúde**, e é um imperativo presente, significando que ela devia continuar tendo saúde.

35. A pergunta dos mensageiros, **Por que ainda incomodas?** indica que eles não esperavam uma restauração à vida. Mestre. O texto grego diz *didaskalon*, "professor".

36. Jesus, ignorando os comentários, disse ao doutor, "Pare de temer! Continue crendo!" Os dois verbos se encontram no tempo presente no grego. A notícia desencadeou o medo no coração do homem, mas Cristo insistiu com ele a não abandonar sua fé anterior.

38. O alvoroço. Entre os judeus a lamentação pelos mortos era algo que nada tinha de moderação a respeito. Pranteadoras profissionais eram alugadas para que houvesse uma demonstração de tristeza. Mateus 9:23 menciona tocadores de flauta e a multidão que também estava fazendo tumulto.

39. A impropriedade da demonstração levou Cristo a perguntar, **Por que estais em alvoroço?** ou, mais literalmente, "Por que vocês estão fazendo tão grande gritaria?" A declaração de que a menina **não** estava **morta** mas dormindo tem sido interpretada por alguns que ela não estava realmente morta mas em estado de coma. Entretanto Lc. 8:55 diz que o **seu espírito voltou**, indicando que ela estivera morta. A referência de Cristo à morte chamando-a de sono foi interpretada como uma sugestão de que a condição era temporária e que a pessoa despertaria novamente.

40. Os pranteadores, interpretando literalmente a figura de linguagem de Jesus, riram (gr., imp.) dele, zombando. Sabiam que a menina estava morta, e tinham certeza de que a morte é permanente. **Mandando sair a todos.** O verbo de Marcos é vigoroso, significando, expulsando-o Cristo expulsou a multidão escarnecedora para fora da casa.

41. Talita cumi. Transliteração do aramaico de "Menina, levante-se." Marcos insere as palavras **eu te mando**.

42. Imediatamente a menina se levantou (ação imediata) e andava (ação contínua). **Doze anos.** Tinha idade suficiente para andar. Os pais e os discípulos ficaram indescritivelmente assombrados com o milagre a ponto de ficarem fora de si de espanto.

43. Jesus ordenou que **ninguém o soubesse** para que os pais não proclamassem a notícia e a agitação difundida não precipitasse uma crise antes de chegar a hora da morte do Salvador (Jo. 12:23, 27).

Marcos 6

I. Outra Viagem Missionária pela Galiléia. 6:1-30.

Marcos registra apenas duas das três viagens missionárias do Senhor pela Galiléia, a primeira com os quatro pescadores (1:35-45), e a terceira na conclusão do ministério da Galiléia (6:1-30). A segunda viagem teve lugar logo depois da escolha dos Doze (Lc. 8:1-3). A terceira foi diferente das duas anteriores em que os discípulos foram enviados dois a dois (Mc. 6:7), depois que Cristo foi de cidade em cidade pregando e ensinando ele mesmo (Mt. 11:1). A viagem deve ser entendida incluindo a visita a Nazaré (Mc. 6:1-6). Foi também durante esse período que Herodes ficou preocupado com a grande popularidade do Senhor (6:14-16).

1. Partido dali. Isto é, de Cafarnaum. Embora o lugar para o qual Jesus foi não está especificamente mencionado, é óbvio à vista dos versículos seguintes, que sua pátria se refere à sua cidade, Nazaré.

3. Jesus foi chamado de **irmão de Tiago** e outros, uma designação que deve ser tomada literalmente. Não há motivo bíblico nenhum para deixarmos de aceitar que esses quatro homens e suas irmãs fossem filhos de José e Maria, nascidos algum tempo depois de Jesus. **Tiago** tornou-se o líder da igreja de Jerusalém (Atos 15:13 e segs.) e autor da epístola que leva o seu nome. **Judas** é o autor da epístola geral do mesmo nome. Os habitantes da cidade **escandalizavam-se**. Este verbo originalmente significava "ser apanhado em uma armadilha". Eles foram apanhados na armadilha de sua própria crença e tropeçaram quando podiam ter-se levantado diante de sua maior oportunidade.

5. Cristo não foi capaz de realizar ali **nenhum milagre**. Entretanto, não quer dizer que ele tentasse curar alguém e descobrisse ser incapaz, mas que tão poucas pessoas tinham fé suficiente para vira ele em busca de cura.

6. Onde o Senhor Jesus deveria ter podido encontrar a maior fé nele, descobriu a mais persistente **incredulidade**. E mesmo sendo o Filho de Deus onisciente, **admirou-se** diante dos seus conhecidos

incrédulos. **Percorria.** O imperfeito grego descreve uma ação que se processa. Ele ia de vila em vila, **a ensinar** em todas as localidades. Este ministério em Nazaré e aldeias vizinhas foi o primeiro estágio da terceira viagem missionária pela Galiléia.

7. O segundo estágio da viagem foi apresentado quando Jesus chamou os Doze e **passou a enviá-los**. Parece que era a primeira vez que iam sem a companhia de Cristo, e portanto constituía um passo mais avançado do seu treinamento. **Poder. Autoridade.**

8. Eles não deviam levar **nada. . . para o caminho**. Era para treiná-los na prática da fé em preparação para o tempo quando ficassem sozinhos. **Nem alforje.** Um saco de viagem para levar provisões. **Nem dinheiro.** Esse termo se refere a pequenas moedas de cobre. Não deviam levar com eles nem mesmo dinheiro trocado. **Cinto.** Um cinto que os orientais usavam para manter no lugar suas roupas folgadas; servia também para carregar dinheiro.

9. A intenção era que não levassem com eles vestuário extra. **Túnicas.** A roupa mencionada aqui é roupa de baixo, que se usa junto à pele, e não um casaco.

11. Deviam sacudir o **pó** não em animosidade pessoal mas como um **testemunho** demonstrando a seriedade da rejeição da mensagem do Filho de Deus. A declaração referente à **Sodoma e Gomorra** não consta dos manuscritos gregos mais antigos.

13. **Ungindo-os com óleo** era prática médica usual (cons. Lc. 10:34; Tg. 5:14). W. K. Hobart (*The Medical Language of St. Luke*, págs. 28, 29) registra numerosas citações de escritores antigos nesse sentido. Swete (*Mark*, pág. 119) diz que a unção ritualística dos doentes não existia até o segundo século. Assim, essas curas eram uma combinação de milagre e medicina.

14. O incidente registrado em 6:14-29 aconteceu durante a terceira viagem pela Galiléia (cons. vs. 12, 13, 30). Este **rei Herodes** era Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, e tetrarca da Galiléia e Peréia. O ministério contínuo de Cristo e seus discípulos na Galiléia

espalhara sua fama por toda aquela região. Aqui, pela primeira vez, temos indicação de que a reputação de Cristo chamara a atenção das autoridades governamentais.

15. Havia um rumor corrente entre o povo que ele era **Elias** retornando para cumprimento de Ml. 4:5 (cons. Mt. 16:14; Jo 1:21), ou que ele era um dos profetas segundo os padrões do V.T.

17. O cárcere onde João se encontrava estava localizado em Maquerus, na praia ocidental do Mar Morto (Joseph. *Antiguidades* xviii. 5.2). O relacionamento marital de Herodes era escandaloso. Herodias era a esposa de seu próprio meio-tio, Herodes Filipe I, mas ela o abandonara para se casar com outro meio-tio, Herodes Antipas, irmão do primeiro. Herodes Antipas já era casado com a filha de Aretas, rei da Arábia, mas havia despedido a sua esposa.

18. João lhe dizia. Ele o dizia repetidas vezes (gr. imp.).

19. Herodias o odiava. Literalmente, Marcos diz que ela lhe dedicava um rancor contínuo. Ao contrário de Herodes, ela não sentia nenhuma atração por João e sua pregação; ela queria matá-lo.

20. Com Herodes a coisa era outra. Apesar de sua vida desregrada, ele sentiu-se tocado pela vida e mensagem de João. **Tinha em segurança.** Antes, *protegia-o*, não permitindo que Herodias o matasse. **Ficava perplexo.** A mais autêntica variante diz, *Ele estava perplexo*. O conflito entre sua admiração por João e a atração de suas amigas pecadoras mantinha-o em estado de íntima confusão. Apesar disso, ele **ouvira** (gr. *continuava ouvindo*) **de boa mente.**

21. Herodias aguardava com astúcia **um dia favorável** para transpor a proteção com a qual Herodes cercara João. A elite dos círculos governamental, militar e social foi convidada (*grandes, tribunos e príncipes*, respectivamente).

22. A filha mencionada era Salomé, fruto do primeiro casamento de Herodias. Calcula-se que a jovem não tinha mais de vinte anos de idade naquela ocasião (Vincent Taylor, *Mark*, pág. 314). Era coisa inusitada que a filha de um governador divertisse a nobreza nesse estilo. Era tarefa

de uma escrava, não de uma princesa. Este era, entretanto, o momento oportuno esperado por Herodias (v. 21), e Herodes sob o efeito da bebida e da sensualidade, caiu na sua armadilha. **Aos seus convivas.** Antes, *reclinavam-se com ele* (veja 2:15).

25. O pedido de Herodias tinha a marca da urgência. Ela queria que a atitude fosse tomada antes que Herodes descobrisse um meio de escapar. Salomé voltou **apressadamente** e pediu que o seu pedido fosse atendido, não *dentro em pouco*, mas **no mesmo instante** (gr.).

26. Embora o pedido entristecesse Herodes profundamente, viu que era impossível retroceder em seu juramento diante de um grupo tão augusto. Era mais importante manter o seu prestígio do que preservar a vida do profeta de Deus. Não causa admiração que a sua consciência o perturbasse depois (vs. 14, 16).

27. O palácio de Herodes em Maquerus era também uma fortaleza e como tal devia conter um **cárcere**. Assim, a cena da execução não aconteceu muito longe da sala do banquete.

28. Parece que Salomé permaneceu no salão do banquete até a execução de João e lhe trouxeram **a cabeça num prato**. A aparente calma com a qual fez o pedido e depois levou o sangrento prato **à sua mãe** indicam a natureza insensível da moça.

30. Tendo acabado de apresentar a parentética explicação relativa ao destino de João, Marcos retoma aos discípulos e à viagem missionária. Nada registra relacionado com o tempo que durou ou os acontecimentos sucedidos. Simplesmente conta que os apóstolos voltaram juntos novamente. A designação, "apóstolo", é muitíssimo apropriada à ocasião. A palavra fala de alguém que foi enviado em uma missão, e os discípulos estavam voltando de tal tarefa.

IV. As Retiradas de Cristo da Galiléia. 6:31 - 9:50.

O Senhor cobriu a Galiléia tão completamente com a sua mensagem que os galileus, em cada setor da vida, estavam cômicos do seu

ministério. Entre pessoas simples a sua popularidade estava num ponto tão alto que queriam coroá-lo seu rei pela força. A antipatia dos líderes religiosos dos judeus estava perigosamente atingindo o ponto de saturação. E o próprio Herodes estava agora ficando preocupado com a popularidade de Cristo. A situação estava se desenvolvendo na direção de uma crise prematura, enquanto o ministério de Cristo ainda não estava completo. O resultado foi que Jesus fez quatro retiradas sistemáticas da Galiléia, uma para o litoral ocidental do mar (6:31-56), uma para a região de Tiro e Sidom (7:24-30), uma para Decápolis (7:31 - 8:9), e a quarta para Cesaréia de Filipe (8:10 - 9:50). Durante esse tempo Cristo estava ocupado com o treinamento dos doze discípulos em preparação para o momento de sua morte.

A. Retirada para o Litoral Ocidental do Lago. 6:31-56.

Esta seção do Evangelho registra a narrativa dos cinco mil que foram alimentados (6:31-44), o milagre de Jesus andando sobre as águas (6:45-52), e as curas na planície de Genesaré (6:53-56). Em vez de ser um período de descanso e recolhimento longe das multidões, foi um período de contínua atividade.

31. O lugar deserto era provavelmente no litoral nordeste do Mar da Galiléia. Não era deserto; a expressão significa "um lugar abandonado, sertão". Depois do esforço da viagem missionária eles precisavam repousar um pouco.

33. Muitos. . . reconhecendo-os. Quando as pessoas viram que estavam se afastando, foram reconhecidos (texto gr.) O fato da multidão ser capaz de se antecipar a Cristo chegando ao lugar antes dele parece confirmar o ponto de vista que o lugar deserto (v. 31) era o nordeste do litoral do lago.

34. Quando Jesus desembarcou, tornou-se aparente que ele e seus homens não poderiam desfrutar do planejado período de descanso. Sua reação, contudo, não foi de aborrecimento; pelo contrário, ele **compadeceu-se deles**. Viu as necessidades do povo como se fosse um

rebanho de ovelhas sem pastor, sem liderança espiritual (cons. Nm. 27:17; I Reis 22:17).

36. Campos ao redor e pelas aldeias. A palavra empregada por Marcos significa literalmente **campos**, que provavelmente se refere às fazendas dos campos.

37. Dai-lhes vós. A ênfase foi colocada sobre o sujeito **vós**. O termo monetário que foi usado aqui, **duzentos denários**, é a palavra *denariôn*, o denário romano que valia cerca de dezoito centavos americanos naquele tempo (Arndt, pág. 178).

39. Em grupos. A palavra grega significa *canteiros* (Arndt, pág. 705). A cena que Marcos descreve é a de grupos de pessoas espalhadas como canteiros de flores sobre a relva (v. 39). Sem dúvida a variedade de cores das roupas servia para criar essa impressão quando vista de longe.

41. Os verbos **tomando, erguendo, abençoou e partindo** estão todos no aoristo grego, significando ação imediata. Mas o verbo **deu** está no tempo imperfeito, mostrando, como um contraste, que ele continuou dando aos discípulos. Foi nesse ponto que o milagre da multiplicação aconteceu.

43. O fato surpreendente não foi que o povo simplesmente se satisfizesse, mas que houve um suprimento superabundante. Os cestos eram grandes cestos de se carregar pão. De um modo geral, entretanto, eles eram menores do que aqueles que foram usados para alimentar os quatro mil (veja comentários sobre 8:8).

44. A contagem dos cinco mil não incluiu mulheres e crianças (cons. Mt. 14:21).

45. Cristo **compeliu os seus discípulos** a entrarem no barco e dirigiu-se para **Betsaida**. Evidentemente o lugar do milagre foi ao sul de Betsaida Julias (Lc. 9:10), e Cristo orientou os discípulos a navegarem para a cidade a fim de se encontrarem com ele. O motivo dessa abrupta dispersão da **multidão**, conforme apresentada por João (6:14, 15), foi o perigo de uma tentativa revolucionária de coroá-lo rei.

47. Ao cair da tarde. Isto é, às seis horas da tarde, a hora do pôr-do-sol.

48. Uma vez que ainda não estava escuro, pôde vê-los ainda da terra **em dificuldade a remar. Dificuldade**, de um verbo com o significado de *atortentaram-se* ou *desesperaram-se*, descreve a dificuldade dos discípulos na sua tentativa de remar contra o vento. **Quarta vigília da noite** ia das três às seis da manhã. Jesus retardou sua ajuda desde o pôr-do-sol até cerca das 3 horas da madrugada. A declaração de que **queria tomar-lhes a dianteira** não deveria apresentar nenhum problema referente à sinceridade de Jesus. Ele não caminhava diretamente em direção do barco, de modo que para os discípulos pareceu que ele ia ultrapassá-los senão o tivessem chamado (v. 49). Em vez de subitamente entrar no barco, Jesus estava, sem dúvida, dando-lhes tempo para o reconhecerem.

49. Um fantasma. Esta não é a palavra grega para "espírito", mas um termo que significa *aparição*. Pensaram que estivessem vendo um fantasma.

50. Tende bom ânimo. Este verbo leva com ele a idéia de coragem, que era provavelmente o pensamento principal de Cristo. A proibição no tempo presente, **não temais**, significa *parem de temer*.

51. Sem uma palavra da parte de Cristo, **o vento cessou** (gr., *tornou-se cansado*). A perplexidade que tomou conta dos discípulos foi o resultado do duplo milagre. O texto grego omite as palavras **e maravilhados**.

52. Além de se esquecerem que anteriormente Cristo já tinha acalmado as ondas (4: 39), não entenderam (texto gr.) o milagre **dos pães**. Porque **o seu coração estava endurecido**, não captaram a verdade relativa à divindade de Cristo, o que os milagres estavam continuamente demonstrando.

53. Provavelmente Jesus entrou no barco em algum lugar afastado da praia de Betsaida Julias, pela qual passaram atingindo a praia oriental do lago novamente. **Genesaré** era o nome de uma planície ao longo da

praia do lago ao sul de Cafarnaum. Uma cidadezinha do mesmo nome também se localizava nas vizinhanças.

55. Marcos fornece um vislumbre do tipo de cenário que deve ter aparecido muitas vezes quando Jesus entrava numa localidade. As pessoas correndo em busca dos seus parentes doentes antes que Cristo saísse da vizinhança.

56. Rogando-lhe. Os repetidos pedidos de pessoa após pessoa foram descritos por esse verbo. É a segunda referência em Marcos de curas efetuadas pelo tocar nas roupas de Cristo (cons. 5:27-29).

Marcos 7

B. Discussão da Injustificada Exaltação da Tradição. 7:1-23.

Estes versículos registram o conflito entre Cristo e os fariseus sobre a questão básica da fonte da autoridade. A tradição possui autoridade divina? Ela é igual, ou superior, à Palavra de Deus escrita? Também está envolvida aqui a discussão da verdadeira natureza da imundície e purificação. O cenário desta parte parece que foi os arredores de Cafarnaum.

2. A explicação que Marcos faz dos costumes judeus é digna de nota, indicando como faz, de que o Evangelho foi escrito para uso dos gentios. **Mãos impuras.** Mãos cerimonialmente imundas. **Repreendiam** não se encontra nos melhores manuscritos. A sentença foi deixada incompleta e Marcos a interrompe para introduzir a explicação dos versículos 3, 4.

3. Os fariseus tinham tão grande influência que o lavar das mãos tornara-se, de um modo geral, prática de todos os judeus. O texto grego não apóia o uso da expressão **muitas vezes**. Em vez disso, ele diz *com o punho*, provavelmente se referindo ao ato de esfregar o punho de uma mão na palma da outra ao lavá-las.

A tradição dos anciãos era o corpo não-escrito de ordens e ensinamentos dos venerados rabis do passado, um conjunto de 613 regras com o fim de regular cada aspecto da vida.

6. Jesus não quis dizer que Isaías predisse especificamente as práticas dos judeus do primeiro século, mas que as palavras de Isaías relativas às pessoas do seu próprio tempo também se aplicavam aos judeus do tempo de Cristo. A citação é de Is. 29:13, seguindo a Septuaginta, com pequena alteração. O termo **hipócritas** é um epíteto bem escolhido, pois se referia originalmente a um ator que usava máscara e parecia ser o que realmente não era.

8. O ponto principal da citação de Isaías refere-se à substituição do **mandamento de Deus pela tradição dos homens**. Não foi uma declaração exagerada, pois os fariseus consideravam a tradição oral como superior em autoridade relativamente à lei escrita do V.T.

10. Em 7:9-13 esta exaltação da tradição recebe uma ilustração específica. A lei de **Moisés** foi citada no que se refere à honra devida aos pais. A primeira citação é de Dt. 5:16 e identifica-se com a Hebraica e a Septuaginta. A segunda, que é de Êx. 21:17, segue de perto o texto hebraico.

11. Como um contraste, Cristo cita a tradição rabínica que põe de lado o mandamento mosaico dado por Deus.

Corbã é a transliteração da palavra hebraica que significa **oferta**, conforme Marcos explica em benefício dos seus leitores gentios. A palavra foi usada referindo-se a algo dedicado a Deus por meio de um voto inviolável. Se um filho declarasse que a quantia necessária para o sustento de seus pais era **Corbã**, esse voto era inalterável, mesmo pondo de lado o mandamento mosaico.

13. A **palavra de Deus** foi colocada em agudo contraste com a tradição dos homens. Observe que Cristo considerava a lei mosaica dada por Deus. Invalidar é tornar inválido ou nulo. O tempo presente, **fazeis**, fala de uma prática habitual.

14. Nos versículos 14-16 o Senhor volta ao assunto da imundície e purificação, mas aqui ele fala não somente aos fariseus e escribas mas também à multidão reunida outra vez. Logo a seguir Cristo discute o assunto com os seus discípulos (7:17-23).

15. Nada há fora do homem – isto é, nada que é físico – pode torná-lo imundo moral ou espiritualmente. No caso em discussão (v. 2), o comer sem lavar as mãos não pode produzir impureza espiritual. Tal impureza é interna na origem. O homem fica impuro pelos pensamentos que se originam no coração e saem na forma de palavras e atos. Aqui Jesus explicou o significado espiritual das leis referentes ao que é puro e imundo (Lev. 11). Um dos motivos porque foram dadas foi ensinar exatamente esta verdade da impureza espiritual, mas esses líderes judeus jamais foram além da mera exterioridade.

19. O coração quando citado na Bíblia não é simplesmente a sede das emoções mas também um lugar de atividade mental e volitiva. Refere-se ao homem interior, não-físico.

O **ventre** refere-se à cavidade do corpo que contém o estômago e os intestinos. Depois que o processo digestivo se completa, o restante **sai para lugar escuso**, isto é, vai para o esgoto.

Puros todos os alimentos. A melhor explicação é que deveria estar ligado à **ele disse** (v. 18). Jesus, explicando em 7:18,19, declarou que todo o alimento é "puro". Ele pôs de lado a distinção levítica entre o puro e o imundo (cons. Atos 10:14, 15).

20-22. Estes versículos contêm a explicação de Jesus sobre o que significava **o que sai do homem**.

Os **maus desígnios** devem ser entendidos como sendo maquinações ou planos malignos, pensamentos deliberados. A palavra usada para **lascívia** tem significado mais forte de traição.

Dissolução é a imoralidade não controlada e não disfarçada. A palavra **inveja**, em alguma outra cultura que não a judia, poderia se referir à feitiçaria (*mau olhar*, em português). Entre os judeus, entretanto, é uma expressão para a inveja. Neste contexto, a loucura é mais moral do que intelectual.

C. Retirada para a Região de Tiro e Sidom. 7:24-30.

Neste pequeno trecho Marcos conta uma viagem mais ou menos longa de Cristo à região da Fenícia, onde aconteceu o incidente com a mulher siro-fenícia.

24. As terras de Tiro e de Sidom. Uma expressão idiomática para a região de Tiro e Sidom. Foi a única vez, até onde vai o registro, em que Jesus saiu da Palestina para visitar um território estritamente gentio. Seu propósito nessas viagens fora da Galiléia não foi, em primeiro lugar, ministrar às multidões, mas instruir seus discípulos, razão porque **queria que ninguém o soubesse**.

26. Grega. É o mesmo que identificar a mulher como gentia. De nascimento era síria da região da Fenícia. **Rogava-lhe.** O uso que Marcos faz do imperfeito grego descreve um pedido contínuo da mulher.

27. Jesus usou o termo **filhos** representando os judeus. sua missão era em primeiro lugar junto aos judeus para que eles pudessem, por sua vez, cumprir a sua obrigação de serem uma bênção a todas as nações através da proclamação mundial do Evangelho. **Cachorrinhos.** Era um termo judeu comum usado para menosprezar os gentios. Entretanto, foi abrandado pelo uso do diminutivo, "cachorrinhos", ou "filhotes". Eram cachorrinhos de estimação, não os cães vadios das ruas.

28. A resposta destemida da mulher foi a resposta da fé.

Os cachorrinhos debaixo da mesa. Usando o terno diminutivo que Cristo usou em relação aos cães, ela descreve uma cena tocante dos cachorrinhos lambendo as migalhas que caíam das mãos das crianças. Tudo o que pedia era uma migalha das bênçãos que estava à disposição da parte dos judeus.

29. Jesus reconheceu nessa **palavra** da mulher a existência de uma fé genuína (cons. Mt. 15:28). Enquanto Ele falava, o demônio saiu (gr. perfeito) de sua fúria. O aspecto diferente deste milagre foi que realizou-se à distância, sem qualquer ordem vocal de Cristo.

D. Retirada para Decápolis. 7:31 – 8:9.

A volta da região de Tiro e Sidom não levou Cristo de volta à Galiléia; em vez disso, o caminho que tomou contornava a praia ocidental do lago, levando-o à Decápolis. Ali Jesus curou o surdo que tinha um impedimento da fala (7:31-37), e alimentou a multidão de 4.000.

31. Neste ponto Marcos é o mais explícito dos escritores do Evangelho. Ele nos conta que Jesus deixou a região de Tiro e passou por Sidom (os melhores manuscritos gregos) aproximadamente vinte e cinco milhas ao norte, penetrando pelo território gentio adentro. Depois, voltando para o sul, ele passou pela praia ocidental do Mar da Galiléia na região de Decápolis (veja comentários sobre 5:20).

32. A extensão do impedimento de fala é discutível. *Mogilalon* pode ser usado falando-se de alguém que é completamente mudo, mas seu significado literal é *falando com dificuldade*. A declaração de 7:35 que ele falou perfeitamente parece indicar que, antes, não era capaz de falar claramente. Entretanto, a exclamação do povo em 7:37 foi que ele faz os mudos (gr.) falarem.

33. Que o Senhor não tinha necessidade de tocar uma pessoa para curá-la já foi demonstrado anteriormente (cons. 2:3-12; 3:5; 7:29, 30). Aqui Jesus **pôs-lhe os dedos nos ouvidos** para mostrar o que Ele ia fazer e assim ajudá-lo a crer. Dois outros fatos simbólicos se seguiram.

Tocou a língua com saliva. O texto não diz que Ele tivesse aplicado a saliva à língua.

34. Suspirou. A palavra pode se referir a um gemido. Talvez fosse uma expressão de simpatia ou desespero por causa do sofrimento da humanidade. **Efatá.** Uma palavra aramaica que Marcos traduz para os seus gentios.

35. O empecilho da língua. O laço (gr.) que prendia a sua língua foi desamarrado. **Desembaraçadamente.** Começou a falar correta ou perfeitamente.

36. Cristo ainda precisava evitar excessiva publicidade (cons. 5:43). Entretanto, o povo não podia ser aquietado. Continuaram proclamando o milagre *tanto mais*.

37. Sobremaneira. A admiração do povo excedia todas as medidas. Marcos usa uma palavra muito vigorosa aqui (*hyper-perissôs*).

Marcos 8

8:1. Os quatro mil que foram alimentados não tiveram um cenário específico além da declaração generalizada de que aconteceu em um lugar deserto (v. 4). **Naqueles dias.** O texto grego acrescenta a palavra "novamente", provavelmente referindo-se aos cinco mil que há pouco foram alimentados.

2. Jesus foi movido de **compaixão** para com esse povo exatamente como fora na ocasião em que dera de comer aos cinco mil (6:34), mas aqui a sua preocupação foi causada mais pela necessidade física do que pela condição espiritual.

6. Aqui, por ocasião dos cinco mil, as palavras **tomando, partiu-os, após ter dado graças** estão todas no aoristo grego, mas a palavra **deu** está no imperfeito, mostrando que Cristo continuou dando pão aos discípulos para a distribuição (cons. 6:41).

8. A suficiência do milagre vê-se nas declarações de que **comeram e se fartaram** e que **sobejaram** pedaços em abundância (gr.). A palavra **alimento**, refere-se ao alimento em geral. Essas **cestas** eram diferentes daquelas que foram usadas depois de alimentar os cinco mil. Isto está indicado pela distinção feita entre os dois em 8:19, 20 (texto grego). O tipo de cestos usados desta vez era bem maior. Foi o tipo usado para descer Saulo por cima do muro de Damasco (Atos 9:25). Assim, as **sete** canastras de 8:8 provavelmente continham mais do que os doze cestos de provisão de 6:43.

E. Retirada para Cesaréia de Filipe. 8:10 – 9:50.

A quarta e última retirada da Galiléia foi para o norte na região de Cesaréia de Filipe. Vindo de Decápolis, Jesus atravessou o Mar da Galiléia na direção da costa oriental, onde os fariseus o encontraram pedindo-lhe um sinal (8:10-12). Depois ele viajou de barco dirigindo-se para o nordeste na direção de Betsaida Julias (8:13-21), onde curou um cego (8:22-26). Dali sua viagem o levou por terra até às vizinhanças de Cesaréia de Filipe. Aqui novamente, a principal atividade de Cristo foi instruir os discípulos com referência a temas tais como a sua pessoa, sua morte e ressurreição, o discipulado deles e a sua vinda em glória prefigurada na Transfiguração (8:27 – 9:13). Aqui também ele curou outro endemoninhado (9:14-29). Depois disso, Cristo retornou à Galiléia, prosseguindo com a instrução dos Doze (9:30-50).

10. Até o presente os mestres não conseguem determinar a localização da cidade de **Dalmanuta** com certeza. O contexto parece supor uma localidade, do outro lado do mar partindo de Betsaida, provavelmente na praia oriental (cons. vs. 13, 22). Mateus a chama de **Magadã** (Mt. 15: 39; texto grego), um lugar também desconhecido para nós hoje em dia.

11. Os fariseus estavam pedindo um sinal sensacional da parte de Deus para provar que Jesus era o Messias. **Tentando-o.** A palavra grega *peirazô* quer dizer "experimentar". Em vez de tentarem Jesus a pecar, eles estavam experimentando-o por causa de suas mentes incrédulas.

12. Tão persistente recusa em crer levou Cristo a suspirar **do íntimo do seu espírito um gemido**. A palavra, empregada aqui em sua forma intensificada, significa provavelmente que ele realmente gemeu quando o cansaço e a tristeza penetraram nas profundezas do seu coração.

Por que esta geração pede um sinal? (cons. Jo. 2:18; Mt. 12:38). Mateus acrescenta uma exceção à declaração de Cristo, dizendo que nenhum sinal lhes seria dado (Mt. 16: 4). O sinal de Jonas foi explicado em Mt. 12:39, 40 como se referindo à ressurreição de Cristo, o milagre mais significativo de todos.

15. Preveniu-os Jesus repetidas vezes (gr. imp.), mostrando a urgência da necessidade de estarem continuamente em guarda (gr. pres. *prestem atenção, estejam atentos*). O fermento foi usado aqui simbolizando alguma coisa com influência perigosamente penetrante. Lucas 12:1 explica que **fermento dos fariseus** é a hipocrisia. O **fermento de Herodes** pode ser a influência dos herodianos, que possuíam um espírito mundano, um secularismo infeccionante.

19, 20. Os discípulos tão depressa esqueceram-se das lições básicas da ocasião em que os cinco e os **quatro mil** foram alimentados. O Filho de Deus não precisa se preocupar com a alimentação de treze homens numa curta viagem através do lago. Há pouco demonstrara o seu poder fornecendo alimento a mais do que nove mil pessoas.

22. A cura do cego aconteceu quando Jesus passou por **Betsaida** Julias no seu caminho a Cesaréia de Filipe.

23. Jesus **levou-o para fora da aldeia**, provavelmente para evitar publicidade excessiva (cons. v. 26). Aqui, como no caso do surdo (7:33), ele usou a saliva, não como um medicamento, mas como auxílio à fé do homem que não podia ver.

24. Esta cura foi diferente das outras em que consistia de duas etapas. Depois dos primeiros atos de cura, o homem viu as pessoas indistintamente, como objetos que se movessem, **como árvores as vejo andando**.

25. O segundo estágio da cura foi preCedido pelo toque nos olhos. O texto grego não diz que Jesus **mandou que olhasse para cima**, mas que o homem **olhou firmemente**. E quando o fez, começou a ver todas as coisas **de modo perfeito**.

26. Novamente a fim de evitar os resultados de indesejada publicidade, Cristo mandou o homem **para casa**. Dizendo-lhe que não entrasse **na aldeia** indica que ele morava em outro lugar, talvez nas redondezas.

27. Indo para o norte de Betsaida, Cristo chegou às **aldeias de Cesaréia de Filipe**. Mateus (16:13) explica que ele chegou às partes

(gr.) ou à região de Cesaréia. Marcos fez referência às aldeias localizadas nos campos à volta da cidade maior. Esta Cesaréia, situada ao noroeste da tetrarquia de Filipe, era chamada de Filipe para distingui-la da outra Cesaréia que ficava na costa mediterrânea.

29. Mas vós, quem dizeis. Este era o ponto ao qual Cristo queria chegar. A ênfase foi colocada sobre a palavra "vós". "Mas **vós** (em contraste com os outros), quem dizeis que eu sou?" **Pedro** foi o porta-voz dos discípulos. Sua admissão de que Jesus é **o Cristo** foi apresentada da maneira mais completa em Mt. 16:16, que acrescenta as palavras "o Filho do Deus vivo". Jesus é o Messias prometido e também o único Filho de Deus.

30. Aqui novamente Cristo ordenou silêncio, provavelmente por causa das idéias revolucionárias ligadas ao conceito messiânico. Cristo não estava pronto nessa ocasião para estabelecer um reino messiânico terreno.

31. Em vez disso, na sua primeira vinda, Cristo veio para **sofrer, ser morto e ressuscitar**. Atenção especial deve-se dar ao forte contraste entre a confissão apaixonada de Pedro e a imediata declaração de Cristo sobre a sua morte e sofrimento. Observe que Aquele que tinha de morrer foi designado pelo título messiânico, **Filho do homem**. A cruz era um aspecto necessário da obra do Messias. **Era necessário que sofresse muitas coisas.**

32. Expunha claramente. O imperfeito grego foi usado para mostrar que Jesus começou e continuou a falar sobre a sua morte. Já não se referia a ela da maneira velada (cons. Jo. 2:19), mas desse momento em diante ele instruía seus discípulos **claramente** e explicitamente sobre o fato. Foi o segundo estágio do seu treinamento. **Pedro chamando-o à parte** repreendeu-o por falar desse modo. Na mentalidade de Pedro a morte violenta não se harmonizava com a dignidade messiânica.

33. A tentativa de Pedro de dissuadir o Senhor de ir para a cruz foi parecida com a tentação no deserto. Nesta ocasião, **Satanás**, com grande sutileza, usou um dos discípulos mais achegados a Cristo (cons. Lc.

4:13). Observe repreensão semelhante em Mt. 4:10. **Cogitas**. O verbo grego refere-se à disposição da mente, a direção do pensamento. A mente de Pedro corria em direção contrária dos propósitos de Deus.

34. O ensinamento registrado em 8:34-38 é o resultado natural do fato do sofrimento de Cristo.

Se alguém quer vir após Cristo deve andar pelo caminho que ele andou, o caminho da abnegação e da cruz. A **cruz** é o símbolo do sofrimento, e a abnegação fala da prontidão em sofrer por alguém. Cristo é o padrão; o discípulo deve segui-lo continuamente (gr. pres. imperativo).

35. O paradoxo desses versículos foi resolvido entendendo-se que o Senhor usou o termo **vida** em dois sentidos diferentes. A primeira expressão, **salvar a sua vida**, refere-se à preservação da vida física salvando-o da morte. A pessoa que se devota completamente à proteção desta vida perderá aquela que é eterna. Pelo contrário, a pessoa que é tão devotada a Cristo que está pronta a **perder a sua vida**, é a pessoa que ganha a verdadeira vida. Descobre que o morrer é ganho (Fl. 1:21). Esta não é uma descrição do caminho da salvação para os perdidos, mas antes a filosofia da vida do discípulo.

36. Aqui o contraste está entre o **mundo** e a **alma**. O último termo é o mesmo que vida no versículo 35. Ambos são traduções de *psyché*. Este princípio se aplica ao nível físico como também ao espiritual. Que valor há em se obter tudo o que o mundo oferece se uma pessoa morre e não pode desfrutá-lo? Ou, qual a virtude de se amontoar um mundo de possessões terrenas durante alguns poucos anos se isso significa perder a vida eterna.

38. Quando Cristo usou a expressão, **se envergonhar de mim e das minhas palavras**, estava estabelecendo um contraste com a atitude de disposição de perder-se a vida por causa dele e do Evangelho (v. 35). **Se envergonhar** é negar Cristo na hora da provação em lugar de ficar com ele, mesmo sob o risco da morte. É ficar do lado desta **geração pecadora** e não com Cristo. **Adúltera**. Usado espiritualmente para descrever a

infidelidade para com Deus. Da mesma maneira, quando o Senhor vier como Juiz, ele **se envergonhará** e repudiará aqueles que o repudiaram.

Marcos 9

9:1. A divisão do capítulo aqui não foi feliz, uma vez que este versículo é visivelmente a conclusão do discurso registrado na última parte de Marcos 8. **Em verdade** é uma expressão de solene certeza. É a palavra grega *amên*, da qual se origina o nosso "amém".

Não passarão pela morte. O original é mais vigoroso *de modo nenhum passarão pela morte*. A vinda do **reino de Deus** nesta declaração tem sido interpretada de diversos modos. Entretanto, no versículo anterior Cristo fala do seu advento em glória, e nos versículos seguintes Marcos registra a Transfiguração. A vinda do Reino pode muito bem se identificar com a gloriosa vinda do Rei (8:38), da qual a transfiguração de Cristo foi uma antecipação.

2. O alto monte tem sido tradicionalmente identificado como o Monte Tabor na Galiléia, mas ele fica longe demais de Cesaréia de Filipe. O monte Hermom parece encaixar-se na descrição mais satisfatoriamente. **Transfigurado.** Do grego *metamorphoô* (origem da nossa "metamorfose"), que se refere a uma mudança da forma essencial, não uma mudança superficial de aparência exterior. O corpo humano de nosso Senhor foi glorificado e foi nesse corpo glorificado que um dia ela virá para estabelecer o seu reino.

3. Como a neve. Não se acha nos melhores manuscritos gregos. **Lavadeiro** é aquele que trata o pano novo, encolhendo-o e lavando-o.

4. Elias é uma transliteração da palavra grega usada para **Elias**. Por que Moisés e Elias foram os dois escolhidos para aparecerem não foi declarado. É digno de nota o fato de que os dois deixaram esta vida sob circunstâncias fora do comum. Mais ainda, Moisés representava a Lei, enquanto que Elias foi um dos profetas. O Evangelho de Lucas (9:31) declara que o assunto de sua conversação foi a iminente morte de Cristo, um tema que percorre todo o V.T. tanto na Lei como nos Profetas.

6. Aterrados. Ficaram aterrorizados.

9. A ordem para que **não divulgassem as coisas que tinham visto** estava de acordo com a política de Jesus de reserva para que as errôneas idéias messiânicas correntes não se inflammassem. Depois da Ressurreição o perigo de precipitar uma insurreição popular não existiria mais. Então a experiência do monte teria valor espiritual para os discípulos como confirmação de sua fé (cons. II Pe. 1:16-18).

11. A questão referente a Elias surgiu por causa da presença do profeta na Transfiguração. **Os escribas**, neste exemplo, extraíam seu ensino de Ml. 4:5, 6. Talvez os discípulos estivessem pensando que o seu aparecimento no monte era o cumprimento da predição.

12. Esta profecia foi confirmada pelo Senhor, e o tempo usado (presente futuro) indica que será cumprida no futuro. Elias virá e restaurará todas as coisas (cons. Ml. 4:6), antes da vinda do Messias. **Como, pois está escrito.** Muitos estudantes encaram o restante do versículo como se fosse uma pergunta, "Como está escrito?" A vinda de Elias foi profetizada nas Escrituras. E o que dizer das profecias sobre o sofrimento e rejeição do Messias? Cristo estava tentando despertar o raciocínio dos seus seguidores para que entendessem que o Filho do homem devia sofrer antes da vinda de Elias e do glorioso advento do Messias.

13. Mas havia um sentido no qual Elias já viera. Mateus 17:13 explica que Ele estava falando de João Batista. Isto não quer dizer que João fosse o Elias em pessoa, mas que ele veio na semelhança de Elias (cons. Lc. 1:17; Jo. 1:21). **Fizeram com ele o que quiseram.** Isto é, fizeram-lhe o que quiseram quando o mataram a pedido de Herodias.

15. Tomada de surpresa. As explicações referentes a esse espanto podem se reduzir a duas possibilidades. Uma, ficaram espantados por causa do resplendor que ainda havia no rosto de Jesus em virtude da Transfiguração. Outra, o espanto foi causado por causa da aparição oportuna mas inesperada de Jesus, no momento embaraçoso da derrota de seus nove discípulos. A primeira opinião não é justificável por causa

da ausência de qualquer declaração referente à permanência do resplendor no rosto de Jesus.

17. O espírito mudo era um demônio que afligia o rapaz com mudez e surdez (V. 25).

18. Onde quer que o apanha. O pai descrevia a ação do demônio de tomar posse do rapaz. Sua reação parece que era parecida a uma crise de epilepsia.

19. Está claro que os discípulos foram fracos por causa da incredulidade. O desapontamento de nosso Senhor parece chegar às raias da impaciência. **Até quando vos sofrerei?** Literalmente, *até quando terei que agüentá-los?*

20. Agitou. Uma palavra forte que significa que o espírito convulsionou o rapaz tão violentamente que parecia querer rasgá-lo em pedaços. **Revolvia-se.** A palavra grega significa *rolar*. O tempo imperfeito pode ser traduzido para *ficou rolando*.

23. Se podes. No texto grego toda a cláusula vem precedida de um artigo com o propósito de chamar a atenção. Como se Jesus dissesse: "Prestem atenção a esta cláusula – **se podes**". A palavra **crer** não aparece nos melhores manuscritos. Tendo chamado especial atenção para o **se** do homem, Jesus continua mostrando que tem necessidade de fé.

24. A angústia que encheu o coração do pai foi descrita por sua resposta imediata quando disse, **exclamou**, com exclamações quase contraditórias. Ele cria, mas estava profundamente cômico de sua **falta de fé** que lutava contra o seu desejo de confiar irrestritamente. Sua incredulidade não era uma recusa obstinada em crer; era uma fraqueza que o próprio indivíduo não podia resolver. Por isso clamou a Cristo pedindo ajuda.

29. Esta casta. Uma indicação de que existem diferentes tipos de demônios. Parece que o tipo que habitava neste rapaz era incomumente manhoso e poderoso. Parece que, devido às observações precedentes que Jesus fez sobre a incredulidade (v. 19) e à declaração deste versículo referente à necessidade da **oração**, os nove discípulos tinham tentado

expulsar o demônio sem se apoiar no poder de Deus (cons. Mt. 17:20). A incredulidade e a falta de oração certamente resultam em impotência espiritual. Muitos dos melhores manuscritos gregos omitem a referência ao **jejum**, como também a mesma passagem em Mt. 17:21. Deve-se observar que os discípulos não poderiam enfrentar essa situação com jejum, mas certamente poderiam ter confiado e orado.

31. Ensinava os seus discípulos. Durante as retiradas, essa foi a principal ocupação do Senhor e continuou os ensinando (gr. imp.), pois eram lentos em compreender (v. 32). O centro desse ensino era a Sua morte e ressurreição que se aproximavam.

33. A volta à **Cafarnaum** levou-o novamente à **casa** de Pedro, que foi o quartel-general de sua campanha na Galiléia. O verbo **interrogou** está no tempo imperfeito, provavelmente para indicar que Jesus continuou insistindo aos discípulos em relação ao assunto que discutiam pelo caminho.

34. Em lugar de responder à interrogação de Jesus, **calaram-se**. Novamente o tempo imperfeito mostra que eles persistiram em seu silêncio. Estavam envergonhados em revelar o assunto indigno da discussão. Ele continuou insistindo em explicar que sua morte estava próxima, mas suas mentes estavam ocupadas com pensamentos de grandeza pessoal no reino messiânico (cons. Mt. 18:1).

36, 37. O humilde ato de receber **uma criança** em nome de Cristo é um feito verdadeiramente grande. É a prontidão em tomar a humilde posição de servo, mesmo com um criança nos braços, que é o sinal da verdadeira grandeza; pois fazê-lo é prestar serviço a Cristo e, através dele, ao Pai. Isto envolve descer à posição de uma criancinha (veja Mt. 18:4).

38. Talvez o desejo de mudar de assunto levou **João** a falar. Parece que a observação de Jesus relativa aos atos praticados em seu nome fê-lo lembrar-se do exorcista que viram usando o nome de Jesus. **Mestre**. Esta é palavra usada para "professor". **Nós lho proibimos**. Eles continuaram proibindo este desconhecido operador de milagres (tempo imp.). Sua

motivação, **não nos segue**, revela uma atitude basicamente egoísta, uma falta de vontade em aceitar qualquer pessoa exceto aqueles que eram do seu próprio círculo. Scofield diz que é sectarismo.

39. Não lho proibais. Literalmente, *parem de proibir*. Jesus não tergiversou sobre os detalhes. Se o homem estava usando o nome de Cristo com sincero esforço em ajudar os outros, não devia ser impedido. Um espírito de tolerância que deve caracterizar o povo de Deus. A lógica de nosso Senhor tinha dois aspectos. Primeiro, tal homem não se voltaria contra Cristo depois de operar milagres em Seu nome.

40. O segundo motivo para a proibição de Cristo era que, se o homem não estava contra Cristo e os discípulos, então até certo ponto estava ao lado deles.

41. Este versículo enfatiza mais a atitude tolerante demonstrada em 9:39, 40. Ninguém que esteja procurando servir o Senhor, por menos importante que o seu serviço possa parecer, será excluído do círculo de Cristo. A importância desse princípio vê-se no uso da palavra **em verdade** (*amên*) e na dupla negativa forte que pode ser traduzida para **de modo algum perderá o seu galardão**.

42. O pensamento deste versículo está ligado ao 9:37 pelo termo **pequenininos**. Do mesmo modo, os versículos 42-48 estão relacionados, e centralizados na idéia das ofensas. É possível que a atitude dos discípulos em repreender o exorcista anônimo (v. 38) possa tê-lo ofendido. Isto explicaria por que Cristo discutiu as ofensas neste ponto. A fé sub-desenvolvida do exorcista não devia ser impedida, mas estimulada. Crítica áspera da imaturidade espiritual só pode servir para afastar as pessoas do Senhor. **Fizer tropeçar**. A palavra grega *skandalyzô* significa colocar uma armadilha no caminho de uma pessoa, fazendo-a tropeçar.

Os **pequenininos** deve ser entendido literalmente referindo-se às crianças que crêem, ou podem ser aqueles que são pequenos na fé ou espiritualmente subdesenvolvidos. Provavelmente a intenção de Jesus foi

a de se referir a estes últimos. A **pedra de moinho** era uma pedra grande e chata que o jumento girava a fim de moer os grãos.

43. Jesus passou da ofensa contra os outros para a ofensa contra si mesmo. Uma pessoa pode colocar uma pedra de tropeço em seu próprio caminho. Sem dúvida a ordem de **cortar a mão** que scandaliza é figurativa e hiperbólica. O sentido do versículo é que tudo que leve uma pessoa a tropeçar e cair no pecado deve ser removido imediatamente. Estes versículos não devem ser tomados ao pé da letra como se ordenassem um ascetismo extremo. Deve-se lembrar que a sede do pecado é a alma, não algum órgão do corpo físico.

Entrares na vida. A expressão paralela em 9:47 diz **entrares no reino de Deus**. Esses termos são o oposto de **inferno** e devem ser entendidos como referentes à vida do salvo no reino eterno. O inferno é a tradução do *geena* grego, o qual por seu lado é uma transliteração do *gehinnom* hebreu, significando "o vale de Hinom". Era um vale ao sudoeste de Jerusalém que foi amaldiçoado por ter sido o cenário da adoração de Moloque. Mais tarde transformou-se no sítio do lixo da cidade, onde havia um fogo contínuo, que reduzia o lixo a cinzas. O lixo depositado ali devia também estar infestado de muitos vermes. No pensamento judeu este vale transformou-se no símbolo do lugar do castigo eterno.

48. A linguagem deste versículo foi extraída de Is. 66:24 da Septuaginta. O **verme que não morre** é uma figura de linguagem extraída do vale de Hinom, onde os vermes estavam continuamente ocupados. É uma figura da tortura infinita e da destruição do inferno.

49. Este versículo e o seguinte estão entre os de mais difícil interpretação nos Evangelhos. Primeiro, deve-se notar que a segunda cláusula de 9:49 foi provavelmente acrescentada posteriormente, uma vez que poucos manuscritos a contêm. Talvez fosse uma anotação marginal na tentativa de explicar esta difícil passagem. A palavra introdutória **porque** (*gar*) normalmente ligaria esta declaração à precedente, caso em que serviria para apoiar ou explicar a afirmação anterior. Poderia então significar que todo aquele que entra no inferno

será preservado, como o sal preserva, através de uma eternidade de tormento.

50. Tomando a palavra **sal** usada em 9:49 em relação ao inferno, Jesus prossegue dizendo que os seguidores de Cristo devem ser como o sal, deixando que a sua influência seja sentida no mundo (cons. Mt. 5:13). **Tende sal em vós mesmos.** Ordenou aos discípulos que se permeassem dessa influência purificadora. A fim de serem uma influência sadia, deviam eles mesmos serem possuidores dessa salubridade. **Tende paz.** Fazendo uma última alusão à disputa sobre a grandeza registrada em 9:34 Cristo conclui a exposição do assunto. As duas ordens estão no tempo presente, exigindo uma prática constante.

Marcos 10

V. O Ministério de Cristo na Peréia. 10:1-52.

Com uma única declaração Marcos resume cerca de seis meses do ministério de **Cristo** (v. 1). Sua menção da Judéia cobre o último período, largamente descrito em Jo. 7:10-10: 39 e Lc. 10:1-13:21; a referência feita a **além do Jordão** relaciona-se com o ministério na Peréia, cuja parte maior foi narrada em Lc. 13:22 - 19:28. Os acontecimentos de Mc. 10:2-52 são realmente os acontecimentos finais deste período na Peréia (cons. Lc. 18:15 - 19:28).

A. Comentários sobre o Divórcio, Crianças e riquezas. 10:1-31.

Estas conversas provavelmente aconteceram em algum lugar da Peréia. Não foi citado o lugar exato. Em 10:2-12 Cristo respondeu à pergunta dos fariseus em relação à legalidade do divórcio; 10:13-16 indica a atitude de Jesus em relação às crianças; e 10:17-31 registra a vinda do jovem rico e a conseqüente discussão sobre as riquezas.

1. Levantando-se Jesus. Jesus deixou Cafarnaum, onde permaneceu pouco tempo na casa de Pedro (9:33). Aqui há um importante problema textual referente à expressão **Judéia, além do Jordão**. O manuscrito favorece a leitura **Judéia e além do Jordão**. À

primeira vista este texto parece impossível, uma vez que parece inverter a ordem natural, Peréia e Judéia. Vindo da Galiléia, Jesus teria de passar primeiro pela Peréia e depois pela Judéia. Entretanto, esta dificuldade desaparece se encarmos 10:1 como um resumo da última parte dos ministérios de Cristo na Judéia e Peréia. Depois do período das retiradas, Jesus foi primeiro à Judéia por três meses; depois foi à Peréia por aproximadamente o mesmo período de tempo. Assim, a ordem no resumo de Marcos primeiro Judéia e depois Peréia – está correto. O verbo **ensinar** (gr. imp.) significa um acontecimento contínuo. Para exemplo desse ensino, veja passagens como Lc. 13:22 - 18:14.

2. A questão apresentada pelos fariseus foi sobre um dos assuntos debatidos naquele dia. Os escribas que seguiam Hillel defendiam que um homem podia se divorciar de sua esposa por qualquer motivo. Os seguidores de Shammai, por outro lado, insistiam que o divórcio só era legal em caso de adultério. **Experimentarem.** A mesma palavra grega pode significar "tentar" e "experimentar". Sua pergunta foi apresentada com motivação dissimulada de experimentar a Cristo.

4. **Permitiu.** Isto é, Moisés permitiu o divórcio, o regulamento mosaico se encontra em Dt. 24:1. Deve-se notar que os fariseus não citaram a condição sob a qual Moisés permitiu o divórcio.

5. **Por causa da dureza do vosso coração.** Moisés estipulou, mas na realidade não ordenou. Ele permitiu por causa da condição espiritual insatisfatória do homem. Foi uma tentativa de regular e controlar o divórcio e não de encorajá-lo.

6-8. A declaração que começa **Deus os fez** (v. 6) e que termina **serão os dois uma só carne** (v. 8) foi citada textualmente de Gn. 1:27; 2:24 (Septuaginta). A condição existente no **princípio** é indicativa do ideal de Deus. Ele planejou que o casamento fosse uma união para toda vida em todos os casos.

11. O homem, neste caso, comete adultério **contra aquela**, não por causa do divórcio, mas por causa do novo casamento. Embora tenha passado pelo procedimento legal do divórcio, aos olhos de Deus ele

continua casado com sua primeira esposa. Mateus acrescenta a exceção da fornicção (Mt. 19:9).

13. Os acontecimentos registrados neste versículo provavelmente aconteceram na casa (cons. v. 10). **Trouxeram**, continuamente (texto grego), as crianças. A atitude dos discípulos parece que se baseava no conceito de que o tempo do Senhor era valioso demais para ser desperdiçado com crianças.

14. A tradução, **indignou-se**, está de acordo com a força do verbo grego. O Evangelho de Marcos é incomparável na sua descrição das emoções de Cristo. **Deixai**. A proibição de Jesus significa, literalmente, *parem de impedi-los*. O motivo que ele oferece para sua atitude é que o reino de Deus é constituído dessas pessoas. Está claro que tinha em mente o reino presente, espiritual.

16. A idade desses meninos foi sugerida pelo fato de Jesus abençoá-los, **tomando-os nos braços**. Ele **as abençoava** é um verbo composto, descrevendo o fervor profundamente sentido com o qual Cristo pronunciou as palavras da bênção (cf. Gn. 14:19,20; 27:26-29; 48:15-20).

17. A conversa com o jovem rico aconteceu quando Jesus estava deixando a casa onde se encontrava hospedado, provavelmente em algum lugar da Peréia (cons. v. 10). Marcos simplesmente declara que **correu um homem ao seu encontro**, mas não menciona que o homem era um jovem doutor da lei. Esse fato foi fornecido por Mateus e Lucas. **Mestre**. É a palavra usada para "professor" (*didaskale*). Ele concebia a **vida eterna** como algo que devia obter fazendo o bem (Mt. 19:16).

18. A pergunta, **Por que me chamas bom?**, tinha a intenção de levar o jovem a considerar a verdadeira identidade de Jesus. Foi uma declaração indireta de Sua divindade, uma vez que a bondade ou a ausência de pecado é uma qualidade de Deus somente.

19. Cristo citou alguns dos mandamentos sem se importar com a sua ordem em Êx. 20. O mandamento, **Não defraudarás**, talvez representa o décimo mandamento, que se relaciona com a cobiça. O

propósito de chamar a atenção para a Lei foi a de mostrar ao jovem a sua incapacidade de ganhar a vida eterna através das boas obras.

20. Tudo isso tenho observado. O jovem podia verdadeiramente fazer uma tal declaração, mas a sua justiça era uma obediência externa. Era como a justiça dos escribas e fariseus (Mt. 5:20; cons. Fl. 3:6).

21. Fitando-o. Jesus olhou para ele intensa e perscrutadoramente, **amou-o.** Sem dúvida Ele reconheceu a sinceridade da busca do homem por alguma coisa que satisfizesse a sua necessidade espiritual; Ele viu o potencial representado neste jovem honesto. Depois Ele tratou do âmago do problema do homem, sua maior devoção às riquezas do que a Deus. Ali estava a coisa que lhe faltava. A fim de **seguir** Jesus, tinha de remover o obstáculo, seu amor ao dinheiro. Não eram as obras de caridade que lhe concederiam a vida eterna; tinha de identificar-se com Cristo.

23. O Senhor não negou a possibilidade de que uma pessoa rica pudesse ser salva; ele disse simplesmente que é difícil. **O reino de Deus** é o reino atual, espiritual, composto pelo povo de Deus regenerado (Jo. 3:3, 5).

25. A idéia de que o **fundo de uma agulha** mencionado aqui fosse um portãozinho através do qual um camelo só pudesse passar de joelhos não tem sanção. A palavra **agulha** aqui refere-se especificamente à agulha de costura. Além disso, Jesus não estava falando sobre o que homem considera possível, mas sobre o que parece impossível (cons. v. 27). Para o homem é impossível que **um camelo** (passe) **pelo fundo de uma agulha.**

29, 30. Em verdade introduz uma declaração de solene certeza. A palavra mulher não se encontra nos melhores textos gregos. **Cêntuplo.** Os itens aqui enumerados podem ser tomados literalmente, referindo-se a coisas tais como muitas casas que se abrirão para os servos de Deus e os muitos novos amigos que terá na família de Deus. Ou podem ser tomados figurativamente descrevendo as múltiplas bênçãos espirituais que o Senhor amontoa sobre aqueles que o seguem sacrificialmente. O

mundo por vir, na língua original, é a *próxima dispensação*. Refere-se ao estado eterno que será introduzido pelo segundo advento do Messias e aos acontecimentos relacionados com o mesmo, tais como o Dia do Senhor, os juízos cataclísmicos, o Milênio e julgamento final.

B. Conversa no Caminho para Jerusalém. 10:32-45.

A discussão registrada nestes versículos aconteceu em algum lugar da Peréia, quando Jesus se encontrava a caminho de Jerusalém pela última vez. Novamente repetiu as declarações referentes à sua morte e ressurreição (vs. 32-34), tentando, através da repetição, gravar os fatos nas mentes dos seus discípulos. E novamente a tentação de buscar a autopromoção envenenou os discípulos (vs. 35-45).

32. Esta viagem a **Jerusalém** foi, conforme Jesus sabia, aquela que o conduziria para a morte. O fato de que **Jesus ia adiante dos seus discípulos** caminhando sozinho, foi um surpreendente afastamento da sua prática costumeira de desfrutar do companheirismo dos seus discípulos. Sem dúvida havia alguma coisa em seu estranho alheamento, **admiraram e ficaram tomados de apreensões**. Os tempos que foram usados aqui indicam que essa foi uma situação que perdurou por algum tempo.

33, 34. Um avanço além das predições anteriores é evidente na quantidade de detalhes apresentados (com. 8:31; 9:31). Observe a declaração, **Eis que nós subimos para Jerusalém**, que indica que o cumprimento dessas predições viriam durante essa visita à cidade. Mas os discípulos ainda não entenderam o que Cristo estava tentando lhes explicar (Lc. 18:34). Seu conceito do Messias levava-os a pensar em termos de glória e reinado (cons. Mc. 10:35-37).

35. Mateus declara que **Tiago e João** deram com a respectiva mãe e fizeram seu pedido através dela (20:20). Mateus também diz **Então se aproximaram . . .** que pode indicar que esse pedido auto-intercessório dos dois discípulos seguiu-se imediatamente aos ensinamentos do Salvador relativos a sua morte.

37. A **direita** de um rei era lugar de honra, e a **esquerda** vinha logo a seguir em importância. **Na tua glória**. Ou, **no teu reino** (Mt. 20:21), que explica que os discípulos tinham em mente a glória do reino messiânico.

38. O Senhor, reconhecendo a sua ignorância, começou a lhe mostrar que tais prêmios têm de ser ganhos. O **cálice** e o **batismo** falam dos sofrimentos de Cristo, dos quais os discípulos precisavam ser capazes e ter vontade de participar. No Getsêmani ele falou da sua morte chamando-a de "cálice" (14:36); em Lc 12:50 o termo "batismo" é uma figura do sofrimento e da morte.

40. As honras da **direita** e da **esquerda** não podiam ser distribuídas como favores aos amigos. Tais recompensas tinham de ser dadas **aqueles a quem está preparado**, isto é, aqueles que as obtêm pela fidelidade na vida e no serviço.

42. Este triste espetáculo de ambição egoísta transformou-se em uma ocasião para o Senhor reenfatizar a natureza da verdadeira grandeza (cons. 9: 35). Primeiro, ele lembrou os Doze do padrão para a grandeza estipulado pelo mundo. Os governadores e dignitários **têm-nos sob seu domínio e exercem autoridade** sobre o povo.

43. Mas esse não deve ser o costume entre os seguidores de Cristo. Pelo contrário, aquele que quer **tornar-se grande** tem de ser o **que sirva** os seus companheiros.

45. O próprio Jesus foi o exemplo supremo de alguém que manifestava a verdadeira grandeza. Ele que era o Messias de Deus (**Filho do homem**; veja 2:10) poderia muito bem fazer-se valer dos seus direitos de ser servido pelos homens. Mas, pelo contrário, ele veio para servir e **dar a sua vida** pela humanidade. **Resgate**. Essa palavra significativa era comum no mundo grego do tempo de Jesus, onde era usada com referência ao preço pago para a libertação de um escravo (Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, trans. L.R.M. Strachan, pág. 327 e segs.). Este foi o preço exigido por um Deus santo a fim de que a justiça pudesse ser satisfeita no perdão dos pecados. Como

resultado desse pagamento, o crente fica livre do pecado e de Satanás. **Por muitos.** A preposição grega *anti* traduzir-se-ia melhor para *em lugar de*, conforme as fontes gregas comprovam esmagadoramente (cons. J. H. Moulton and George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament*, págs. 46, 47; Arndt, pág. 72, 73; Vincent Taylor, págs. 444, 445).

C. A Cura do Cego Bartimeu. 10:46-52.

Esta seção conta como Jesus, na companhia de seus discípulos, veio da Peréia através do Jordão até Jericó na Judéia, onde ele restaurou a vista de Bartimeu, o último milagre de cura do seu ministério público.

46. A Jericó do tempo de Jesus ficava cerca de cinco milhas a oeste do Jordão e quinze milhas a nordeste de Jerusalém. O sítio da cidade cananita do tempo de Josué ficava uma milha ao norte. Há, aqui, uma dificuldade de harmonização. Mateus e Marcos dizem que o milagre aconteceu quando **ele saía de Jericó**; Lucas diz que foi **ao aproximar-se de Jericó** (18:35). Talvez a solução mais plausível é que a cura ocorresse quando Jesus deixava o local da antiga Jericó aproximando-se da nova cidade de Jericó. A dificuldade nessa explicação é que não existem evidências de que a velha Jericó fosse habitada no tempo de Jesus. Este problema surge, sem dúvida, por causa da ausência de completa informação histórica e geográfica. Podemos ter a certeza de que não existiria nenhuma discrepância se todos os fatos fossem conhecidos. Enquanto isso, a divergência é um testemunho do caráter independente das duas narrativas.

47. O mendigo cego, ao chamar Jesus de **filho de Davi**, estava reconhecendo-o como o Messias. A crença de que o Messias seria um descendente de Davi era comum entre os judeus daquele tempo.

48. . . . repreendiam. Muitos ordenavam-lhe repetidas vezes (texto grego) que ficasse quieto. Ele, entretanto, continuou gritando (tempo imp.) cada vez mais. Ele se recusou a ficar quieto.

49. Tem bom ânimo. O verbo significa *tenha coragem*, como se eles dissessem "*Anime-se!*"

50. O verbo deste versículo sugere a pressa de Bartimeu em atender ao chamado. Ele jogou a sua capa de lado, levantou-se de um salto, e **foi ter com Jesus**. Era a oportunidade da sua vida, e não devia permitir que se lhe escapasse.

51. Mestre. A palavra aramaica, *rabbouni*, usada por Maria Madalena na Ressurreição (Jo. 20:16). Era um termo de alto respeito, uma forma mais vigorosa do que "rabi", combinando, até certo ponto, os significados de professor e Senhor.

52. A cura foi em resposta à **fé** do homem, demonstrada, como foi, por sua ansiedade persistente, por seu reconhecimento de Jesus como o Messias e pelo termo *rabbouni* que usou. O verbo *anablepô* (**viu**) significa que sua vista foi restaurada, indicando que o homem não era cego de nascença ... **te salvou**. A palavra grega é *sôzô*, que quer dizer "salvar", um termo muitas vezes usado nos Evangelhos referindo-se à cura física. Pode ser assim parafraseada, "a tua fé te curou".

VI. Conclusão do Ministério de Cristo em Jerusalém. 11:1 – 13:37.

Nesta seção Marcos registrou os últimos atos e ensinamentos do Salvador antes da sua paixão. Todos esses acontecimentos tiveram lugar em Jerusalém e nos seus arredores. Aqui aconteceu a "Entrada Triunfal" e a purificação do Templo (11:1-26), as numerosas controvérsias com os líderes judeus (11:27 - 12:44), e o longo discurso apocalíptico no Monte das Oliveiras (13:1-37).

Marcos 11

A. A Entrada em Jerusalém e no Templo. 11:1-26.

A partir desse ponto, Cristo abandonou a atitude de cautela que o levou a se retirar das áreas de tensão e possíveis crises. Agora desafiava os líderes judeus. Na entrada de Jerusalém provocou, abertamente, desaprovação e oposição. Esta "Entrada Triunfal" devia ser encarada,

não como a vinda de um rei glorioso, mas como a apresentação do Salvador que logo sofreria.

1. A comparação com Jo. 12:1 revela que Jesus foi primeiro a **Betânia**, onde passou a noite. Então no dia depois do sábado fez a sua entrada em **Jerusalém**. Betânia ficava um pouco além de duas milhas ao sudeste de Jerusalém, não muito longe do aclave oriental do **Monte das Oliveiras**. A localização de Betfagé torna-se mais difícil, mas as melhores evidências apontam para um lugar ao pé do aclave oriental. A ordem de Marcos é o inverso da direção tomada por Jesus, mas ele está olhando para a localização das cidades do ponto de vista de Jerusalém, que foi mencionada em primeiro lugar. João dá motivos para se crer que Jesus chegou à Betânia na sexta-feira (12:1). Considerando que a viagem a Jerusalém levava mais do que o permitido num sábado, presume-se que Cristo passou o sábado em Betânia e que a "Entrada Triunfal" aconteceu no domingo.

2. A **aldeia** era **Betfagé**, conforme Mt. 21:1 esclarece. **Que aí está diante de vós**. Isto é, "diante de vós". Se Jesus sabia da existência do jumentinho devido à observação prévia ou através de percepção sobrenatural não ficou esclarecido.

3. Parece que ele esperava que o proprietário do jumentinho soubesse quem era **o Senhor** e estivesse pronto a emprestar-lhe o animal. O texto grego preferido diz, *e imediatamente ele o enviará aqui novamente*, uma promessa da parte de Jesus de devolver o animal. Mateus declara que os animais eram dois, uma jumenta e um jumentinho (21:2).

7. **As vestes** colocadas sobre o jumentinho eram capas ou mantos, cujas cores vistosas dariam ao animal a aparência de estar com arreios reais.

8. Outros estenderam suas capas no **caminho**, fazendo um tapete real para o cortejo. Outros ainda trouxeram ramos que foram espalhados pelo caminho. João os descreve como sendo folhas de palmeiras (12:13).

9. A multidão rodeou o Senhor; alguns **iam adiante** dele; outros **vinham**. E eles clamavam sem cessar (gr. imp.), **Hosana**. Esta é uma transliteração da expressão hebraica que significa *Salve!* e vem do Sl. 118:25. Transformara-se em um termo de louvor e aclamação, como também um pedido de ajuda. **Bendito. .. que vem . . .** é uma citação exata do Sl. 118:26 da Septuaginta. Era um dos Salmos de Halel cantados por ocasião do festival da Páscoa, e era portanto particularmente apropriado para a ocasião. Que a multidão usou as palavras num sentido messiânico está claro por causa do versículo seguinte.

10. O povo sentia que o messiânico **reino de . . . pai Davi** estava prestes a se estabelecer. **Hosana nas maiores alturas** sem dúvida significa "Salve, agora, tu que estás nos mais altos céus". É uma exclamação endereçada ao próprio Deus.

11. Entrou no templo. A palavra *hieron* refere-se a todo o conjunto do templo, incluindo os pátios e terraços. Quando ele olhou tudo, seus olhos certamente caíram sobre as barracas dos cambistas e vendedores de pombas, os quais seriam o objeto do seu desprazer no dia seguinte.

12. No dia seguinte. Isto é, na segunda-feira. Depois de passar a noite em Betânia, o Senhor partiu novamente para Jerusalém.

13. Era normal que **uma figueira** nas vizinhanças de Jerusalém começasse a dar folhas novas nos fins de março ou começos de abril, por ocasião da Páscoa. Parece que esta árvore estava toda coberta de folhas, caso em que deveria ter também figos maduros, embora o tempo de figos maduros fosse em junho. A palavra grega traduzida para **porventura** esclarece que foram as folhas que levaram Jesus a esperar os frutos. É a conjunção dedutiva *ara*, significando "por isso". Jesus viu as folhas à distância e foi verificar "se por isso poderia encontrar fruto".

15. Esta é a segunda purificação do Templo, que não deve de maneira nenhuma ser identificada com a primeira, a qual aconteceu bem no começo do ministério de Cristo (Jo. 2:13-17). Aqueles que **vendiam e compravam**, os **cambistas** e aqueles que **vendiam pombas** estavam

trabalhando para Anás e a família do sumo sacerdote. Os animais eram vendidos com propósito de serem sacrificados, e os cambistas trocavam o dinheiro corrente pelo meio siclo necessário para pagar o imposto do templo. Cobravam, entretanto, preços exorbitantes.

17. A citação de Jesus foi extraída de Is. 56:7, onde o profeta declara que a casa de Deus seria **casa de oração**, um lugar reservado para uso sagrado. Além do Senhor acusá-los de profanar o Templo, usando-o para fazer negócios, mostrou também que eles estavam tendo lucros desonestos com os preços excessivamente injustos que cobravam. **Covil de salteadores.** Citação de Jr. 7:11.

20. Pela manhã. Era a manhã da terça-feira, e Cristo retornava a Jerusalém novamente naquele dia.

22. O único significado da maldição da figueira que os Evangelhos declaram encontra-se nestes versículos. Jesus a usou como um exemplo de **fé em Deus**. Qualquer outro significado simbólico não tem justificativa bíblica.

24. Crede. Um imperativo presente, exigindo fé persistente, contínua. **Recebestes.** Os melhores manuscritos favorecem o tempo aoristo – **recebestes**. Em outras palavras, devemos continuar crendo pois Deus já atendeu nosso pedido.

25. Perdoai . . . para que vosso Pai . . . vos perdoe. Declarações como esta que tornam o perdão divino dependente de nosso perdão têm sido mal interpretadas, dando-se-lhe natureza legalista. Entretanto, Cristo aqui não está se dirigindo aos perdidos, mas aos seus discípulos, aqueles que já desfrutavam do relacionamento salvador com ele mesmo. O perdão do qual Ele fala não é o argumentativo ato inicial do perdão que anula a culpa do pecado. É, antes, o perdão de um pai que restaura a comunhão. A questão aqui é que um discípulo não pode orar proveitosamente se um espírito que se nega a perdoar tiver interrompido sua comunhão com Deus.

B. Controvérsias Finais com os Líderes Judeus. 11:27 – 12:44.

Os debates registrados nesta seção aconteceram todos em um dia cheio – a terça-feira da semana da paixão. Relacionavam-se com os seguintes assuntos: a fonte da autoridade de nosso Senhor (11:27-33); a parábola da vinha e dos lavradores (12:1-12); uma pergunta sobre o pagamento de impostos (12:13-17); a ressurreição (12:18-27); o maior dos mandamentos (12:28-34); o relacionamento do Messias com Davi (12:35-40). A seção termina com a narrativa da oferta de duas pequenas moedas feita pela viúva (12:41-44).

27. Então regressaram para Jerusalém. Era a manhã da terça-feira. Os comentários sobre a figueira que secou (vs. 20-25) foram feitos no caminho para Jerusalém. **Os principais sacerdotes.** Tecnicamente só havia um sumo sacerdote, mas o termo acabou incluindo todos os ex-sumo sacerdotes vivos. Neste caso, pelo menos Anás, o sogro de Caifás, o sumo sacerdote, deveria estar incluído.

28. Suas perguntas foram duas: Que tipo (*poiâ*) de **autoridade** possuiis? Qual é a fonte de **tal autoridade**? Por **estas coisas**, as autoridades se referiam à purificação do Templo (cons. Jo. 2:18). Dizia-se que o Templo só devia ser purificado pelo Sinédrio, por um profeta, ou pelo Messias.

30. Do céu. Na tentativa de evitar o uso do nome divino, os judeus freqüentemente empregavam o termo "céu" quando falavam de Deus.

31,32. Com esta pergunta Jesus colocou esses líderes religiosos nas garras de um dilema. Se o ministério de João era de origem divina, então eles, na qualidade de líderes religiosos, deveriam ser os primeiros a crer nele. Se, entretanto, eles declarassem que o seu ministério era de origem humana, reduziriam João à categoria de um impostor, e assim provocariam o desprazer do **povo** que se voltaria contra eles.

Marcos 12

12:1. Parábola. Que Jesus apresentou mais de uma parábola nesta ocasião vemos fazendo uma comparação com Mt. 21: 28-32, onde a

história dos maus lavradores foi precedida pela dos dois filhos. A introdução à parábola, conforme a encontramos em Mc. 12:1, foi inconfundivelmente extraída de Is. 5:1, 2. O fato de que a vinha, lá, representasse Israel (Is. 5:7), deu aos líderes judeus a pista para a interpretação da parábola de Jesus. **Sebe.** A palavra usada por Marcos quer dizer *cerca*; poderia ser uma cerca de pedras, ou um muro. O **lugar** era o lugar onde se espremia o suco das uvas. A **torre** era uma combinação de atalaia e armazém. Os lavradores eram fazendeiros, neste caso, produtores de vinho, usados aqui para representarem os líderes religiosos de Israel, tais como aqueles aos quais Jesus falava (cons. 11:27; 12:12).

2. O **servo**, conforme 12:4, 5, representa um profeta que Deus enviou a Israel.

3. O fato de que, **o agarram, espancando**, indica a perseguição que sofreram os profetas do V. T. (cons. 23:34, 37).

6. **Um, seu filho amado.** Essas palavras são uma óbvia descrição do próprio Cristo (Cons. 1:11; 9:7). O termo *reverência* é muito forte. *Respeito* é o mais indicado.

7, 8. A conspiração de matá-lo foi uma descrição dos planos nos quais os líderes judeus estavam ocupados exatamente naquela ocasião para condenar Jesus à morte.

9. A predição de que o proprietário **exterminará aqueles lavradores** cumpriu-se em 70 A.D., quando os romanos sob o comando de Tito destruíram Jerusalém e acabaram com qualquer aparência de governo próprio que os judeus haviam desfrutado anteriormente. Os outros aos quais a vinha seria entregue foram mais amplamente descritos em Mt. 21:43, onde Jesus foi citado, dizendo. **O reino de Deus vos será tirado, e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.** Esta é uma referência óbvia aos gentios e à igreja.

10. A pergunta, **Ainda não lestes?**, foi feita esperando-se uma resposta positiva. A citação neste versículo e no seguinte é uma citação

exata do Sl. 118:23, 24 da Septuaginta. A pedra é Cristo, que foi rejeitado pelos construtores, os líderes religiosos dos judeus.

13. Em 12:13-17, **os fariseus** e **os herodianos** interrogaram Jesus em relação ao pagamento do tributo devido a César. Esta combinação não é usual, pois os fariseus pouco tinham em comum com os herodianos. Os primeiros opunham-se decididamente a qualquer domínio estrangeiro, enquanto que os últimos apoiavam o governo estrangeiro dos Herodes. Um dos grupos se oporia ao imposto romano; o outro o favoreceria. A motivação desses conspiradores incongruentes era oculta. Queriam apanhá-lo **nalguma palavra** como um caçador apanha a sua presa.

14. Não te importas. Isto foi dito com a intenção de lisonjeá-lo, querendo dizer que os seus ensinamentos não eram influenciados pelo que pensavam amigos ou inimigos. O **tributo** em questão era um **imposto per capita** que tinha de ser pago pessoalmente no tesouro romano. **É lícito?** Queriam que respondesse quanto à legalidade ou ilegalidade do imposto diante dos olhos de Deus.

15. Porque me experimentais? O Senhor percebeu o dilema no qual pretendiam colocá-lo. Pensavam que respondendo de modo afirmativo, o povo judeu, que odiava o imposto per capita, levantar-se-ia e o rejeitaria com suas reivindicações; mas se respondesse negativamente, poderia ser acusado de oposição à Roma. **Um denário.** Era o denário, com o qual se pagava o imposto.

17. Dai. O verbo significa *devolvam totalmente*. Implica em obrigação com **César**. O povo era obrigado a sustentar o governo por causa dos privilégios que o governo romano lhe concedera (cons. Rm. 13:1-7). Tinham, também, de cumprir suas obrigações com Deus. E não há nenhuma incongruência no pagamento de ambas as dívidas, pois ambos os pagamentos são feitos em cumprimento da vontade de Deus. Uma resposta assim resolveu completamente o dilema previsto, resultando em que os interrogadores ficaram completamente pasmados

(**muito se admiraram**, *exethaumazon*, uma palavra aumentativa para grande espanto).

18. A pergunta dos **saduceus** (vs. 18-27) bastante naturalmente relacionava-se com a **ressurreição**, a qual Jesus ensinava e eles negavam. Os saduceus não admitiam uma coisa tal como a existência depois da morte. Também negavam a realidade dos anjos e espíritos (Atos 23:8).

19. Moisés nos deixou escrito. A declaração da lei propriamente dita do levirato, referente ao casamento, encontra-se em Dt. 25:5-10. Se um homem morria sem filhos, seu irmão devia se casar com sua esposa, e o primeiro filho dessa união era então considerado o filho do marido morto.

23. O problema levantado parecia irrespondível. **Na ressurreição ... de qual deles será ela esposa?** Os saduceus apenas supõem a possibilidade da ressurreição como base de sua argumentação. O propósito da pergunta era tentar provar a impossibilidade da ressurreição como base de sua argumentação. O propósito da pergunta era tentar provar a impossibilidade da ressurreição reduzindo-a ao absurdo.

24. Não provém o vosso erro. O verbo grego significa *desencaminhar*. Eles estavam sendo desencaminhados (ou, eles mesmos estavam se desencaminhando) por dois motivos. Um, eles não entendiam o que ensinavam as Escrituras do V.T. com referência à ressurreição (cons. vs. 26, 27). Dois, eles subestimavam **o poder de Deus** de ressuscitar os mortos e de resolver todas as aparentes dificuldades relacionadas com a idéia da ressurreição.

25. Com esta declaração de fatos Jesus arrasou com seu aparente problema. Eles haviam erradamente presumido que haveria a continuação do relacionamento conjugal depois da ressurreição. Em vez disso, Cristo explicou, as pessoas terão o mesmo relacionamento dos **anjos**.

26. A pergunta, **Não tendes lido?** aguarda uma resposta afirmativa, pois Cristo sabia bem que esses saduceus estavam inteiramente

familiarizados com o Pentateuco. Ele se referiu especificamente a Êx. 3:6, da Septuaginta.

27. A verdade aqui demonstrada é o fato da imortalidade. Ser o Deus de Abraão é estar em comunhão com Abraão. Não é possível, portanto, ser o Deus **de mortos**, mas apenas **de vivos**. Assim, quando Deus falou de dentro da sarça ardente, ainda que os patriarcas estivessem mortos há anos, continuava em comunhão com eles. O argumento de Cristo, então, admite que, havendo vida após a morte, isto é suficiente para provar que a ressurreição se seguirá. A perfeita existência humana exige a união da alma com o corpo.

28. A pergunta relacionada com o quinto mandamento (vs. 28-34) partiu de **um dos escribas**. Ele, sem dúvida, era um fariseu, pois aprovou a resposta que Jesus deu aos saduceus. Parece que não havia nenhum motivo secreto para esta inquisição (cons. vs. 28, 32-34).

29,30. Jesus não buscou a tradição dos escribas para dar a sua resposta, mas à Lei escrita. Em Dt. 6:4, 5. A citação foi feita da Septuaginta, com a adição das palavras **e de todo o teu entendimento**. O **entendimento e o coração** são, na realidade a mesma coisa na compreensão hebraica. As palavras, **Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor**, são do credo conhecido por "Shema" e eram citadas diariamente pelos judeus devotos. Declaram o princípio distintivo da fé hebraica que **Deus é um**. O significado deste mandamento, amar a Deus, é que ele deve ser amado com todas as forças e a capacidade que o homem possui. Este é o alicerce e o resumo da obrigação total do homem para com Deus.

31. O segundo mandamento foi citado textualmente de Lv. 19:18 (Septuaginta). Aqui também está a base e o conjunto das obrigações do homem para com o homem. Estes dois mandamentos são fundamentais nos ensinamentos de toda a Lei e os Profetas (Mt. 22:40).

34. Sabiamente. Isto é, com sabedoria. Cristo declarou que o homem tem o tipo de compreensão espiritual que, se for cultivada, levá-lo-á ao reino de Deus. O presente reino espiritual, no qual se entra pela

fé e pelo novo nascimento, é o reino em questão aqui (cons. Jo. 3:3, 5). Marcos termina sua narrativa desta discussão com uma forte afirmação mostrando como Cristo silenciou completamente seus oponentes. **Ninguém** mais tinha coragem de perguntar alguma coisa. Nunca mais tentaram apanhar Cristo com um quebra-cabeça teológico ou legal.

35. Entretanto, Cristo ainda não terminara de lidar com os seus oponentes. Ele tinha uma pergunta para lhes fazer relativa ao parentesco de Davi com o Messias (vs. 35-40). A citação do ensinamento dos escribas representa a opinião judia padronizada de que o Messias seria um descendente de Davi.

36. A citação foi tirada do Sl. 110:1 (Septuaginta), uma passagem que os judeus há muito reconheciam como messiânica. Com sua introdução à passagem, Cristo afirmou a autoria davídica como também a inspiração divina do salmo. Seu propósito em usar as palavras de Davi foi de trazer à baila, partindo das próprias Escrituras, a verdade da divindade do Messias.

37. O fato que Jesus destacou foi que Davi o chamou de **Senhor**. Como então, pode o Messias ser as duas coisas, o exaltado Senhor de Davi e **seu filho**? Mateus declara que ninguém foi capaz de lhe responder essa pergunta (22:46). Contudo, ali de pé diante deles, estava o Filho de Deus encarnado, o Messias de Israel, a própria resposta personificada. Ele era um descendente de Davi "segundo a carne" e o Filho de Deus "segundo o espírito de santidade" (Rm. 1:3,4).

38. Ensinar. Nossa palavra "ensinamentos" representa melhor o que Marcos quis dizer. As **vestes talares** eram as longas vestes flutuantes das pessoas ricas ou importantes. As **saudações** são explicadas em Mt. 23:7.

39. Primeiras cadeiras e primeiros lugares são os lugares de honra nas sinagogas e nos banquetes.

40. Mesmo sendo reconhecidos como os honrados líderes da comunidade, os escribas eram na realidade culpados da mais indigna desonestidade. Faziam **longas orações** nos lares das viúvas para encobrir

o fato de que estavam ocupados em planos tortuosos de lhes roubar as **casas**.

41. Localizado na área do templo conhecida como o Átrio das Mulheres, o **gazofilácio** continha treze cornucópias para o depósito das ofertas e do imposto devido ao templo. Parece que Jesus ficou observando as pessoas que davam suas ofertas durante algum tempo e notou algumas pessoas ricas fazendo suas ofertas (cons. imp. grego usado com os verbos **observava** e **lançava**, segunda ocorrência).

42. Dos sinônimos gregos para a pobreza, Marcos escolheu uma palavra que descrevia a condição miserável de um indigente para caracterizar esta **viúva pobre**. Ela deu uma quantia igual a **duas pequenas moedas** ou meio centavo. Uma moeda (*lepton*) era a menor das moedas de cobre, geralmente igual a um oitavo do centavo americano (Arndt, pág. 473). O meio centavo (*kodantrês*) era uma moeda romana valendo um quarto do centavo (Arndt, pág. 438).

44. O princípio enunciado por nosso Senhor nessa ocasião é que uma oferta deve ser avaliada não pelo tamanho mas pela comparação da oferta com a quantia total possuída pelo ofertante. Um donativo grande vindo da abundância pode ser menos significativo que um donativo pequeno vindo da pobreza. Esta mulher deu a menor oferta possível, mas foi mais significativa do que as outras, pois era **todo o seu sustento**.

Marcos 13

C. O Apocalipse do Jardim das Oliveiras. 13:1-37.

O discurso pronunciado no Jardim das Oliveiras aconteceu na terça-feira depois que se acabaram as controvérsias com os líderes judeus nos átrios do templo. Pode ser dividido da seguinte forma: as perguntas dos discípulos (13:1-4); as condições características da presente dispensação (13: 5-13); a crise que viria (13:14-23); o segundo advento de Cristo (13:24-27); instruções referentes à necessidade de se vigiar (13:28-37).

1. À luz da descrição que Josefo fez do Templo, não nos surpreende que um dos discípulos exclamasse referindo-se às **pedras** e aos **edifícios**.

Josefo descreve pedras dizendo que tinham trinta e sete pés, por doze, por dezoito. Explica ainda mais, dizendo que a ". . . fachada era toda de pedra polida, de maneira que a sua aparência, para os que não a tinham visto, era incrível, e para os que já a tinham visto, era grandemente assombrosa" (**Antig.** XV xi. 3-5).

2. Jesus usou a forte construção negativa dupla dos gregos (ou *mê*) duas vezes neste versículo a fim de negar que ficaria **pedra sobre pedra**. Era positivamente certo que o Templo seria completamente destruído, um fato confirmado pela história quando em 70. A. D. O Templo e a cidade foram deixados em ruínas, sob o comando de Tito.

4. **Essas coisas.** Uma referência óbvia à predição declarada em 13:2. Temos motivos para crer, entretanto, que os discípulos também tinham em mente a seqüência dos acontecimentos do fim dos tempos. Sua segunda pergunta amplificou a primeira em que pediram um sinal que indicasse que o cumprimento estava para acontecer (*mellê*). Em Mateus ficamos sabendo que os discípulos também perguntaram com referência ao sinal da vinda de Cristo e sobre o final da dispensação (24:3).

5. Jesus começou a sua resposta descrevendo as condições características da presente dispensação (vs. 5-13). A primeira é a presença dos enganadores, contra os quais os discípulos deviam estar atentos constantemente (gr., pres. imp.).

6. **Em meu nome.** Essas palavras referem-se à vinda de falsos messias, que reivindicarão a posição e a autoridade que só pertencem a Cristo. A predição foi cumprida em muitas ocasiões. Talvez a personalidade mais destacada fazendo tal reivindicação fosse Bar Cochba (132 A. D.).

8. Guerras são características de toda a dispensação, como também **terremotos. . . fomes.** A palavra **dificuldades** não se encontra nos melhores manuscritos gregos. Todas essas condições são descritas como sendo **o princípio das dores**. Assim, destacam-se do fim propriamente dito (v. 7). A palavra dores são realmente dores de pano, um termo que

os judeus usavam para descrever as aflições e as desgraças que introduzirão a vinda do Messias.

9. O discípulo recebe a ordem de prestar atenção, isto é, de estar constantemente alerta (gr., pres. imper.). **Tribunais.** Literalmente **sinédrios**. As prisões e os espancamentos preditos aqui começaram a se cumprir no livro de Atos (cons. 4:5 e segs.; 5:27 e segs.), como também as apresentações **a presença de governadores e reis** (cons. 12:1 e segs. 24:1 e segs.; 25:1 e segs.). Essas apresentações seriam **para lhes servir de testemunho** (*autois*), não contra eles. Examine o testemunho de Paulo diante de Félix (Atos 24:24,25) e Agripa (Atos 26).

10. Outro aspecto da dispensação é a pregação do **evangelho** pelo mundo inteiro. O fim (v. 7) não pode vir até que a tarefa evangelística seja **primeiro** completada. Mateus 24:14 conclui com a declaração **então virá o fim**, referindo-se ao final da dispensação.

13. No meio de todos esses distúrbios do declínio moral e das perseguições, a perseverança torna-se o distintivo da genuinidade espiritual. **O fim.** Considerando que as condições descritas em 13:5-13 têm a duração de uma dispensação, "o fim" não se refere aqui ao fim da dispensação, mas antes à duração da vida ou da provação.

Será salvo. Neste contexto não se pode pensar em libertação física. A promessa é que aquele que perseverar será salvo espiritualmente. A perseverança, entretanto, não é a base da salvação. Apegando-se aos ensinamentos gerais do N. T. a perseverança deve ser encarada como o resultado do novo nascimento (cons. Rm. 8:29-39; I Jo. 2:19). Uma pessoa regenerada, que persevera por causa disso, é mais do que certo que experimentará a consumação da experiência da salvação.

14. Tendo descartado alguns dos aspectos salientes desta dispensação, Cristo prosseguiu descrevendo a crise iminente (vs. 14-23).

O abominável da desolação é uma expressão extraída textualmente de Dn. 12:11 (Septuaginta). Também se encontra com pequenas variações em Dn. 9:27 e 11:31. Entre os judeus o termo **abominável** era usado para descrever a idolatria ou o sacrilégio (cons.

Ez. 8:9, 10, 15, 16). Parece, entretanto, que tanto Daniel como Cristo estavam falando de uma consternadora profanação do Templo. O primeiro cumprimento do uso profético que Daniel fez do termo, dizem alguns escritores, foi a construção de um altar para Zeus sobre o altar dos sacrifícios segundo as ordens de Antíoco Epifânio, em 168 A.C. (I Mac. 1:54, 59). O uso que Cristo fez das palavras tinha referência imediata à profanação do Templo pelos romanos (70 A. D.). Deve-se lembrar que os discípulos perguntaram relativamente à destruição do Templo (Mc, 13:2,4). Além disso, as instruções dadas em 13:14b-18 parecem se encaixar melhor nessa ocasião. Entretanto, a íntima relação dessas condições com o segundo advento de Cristo (vs. 24-27) exige uma aplicação adicional ao fim dos tempos. As condições dos dias de Antíoco Epifânio e quando os romanos destruíram o Templo serviram de figura dos dias do anticristo, imediatamente antes da volta de Cristo (cons. II Ts. 2:3, 4; Ap. 13:14, 15).

Situada onde não deve estar. No lugar santo (Mt. 24:15). A aparição da consternadora profanação seria um sinal para os habitantes da Judéia fugirem **para os montes** a fim de escapar ao sítio iminente. A referência específica dessa ordem, e também das que foram dadas nos versículos 15-18, foi à iminente destruição de Jerusalém (70 A.D.).

15, 16. A necessidade da pressa seria tão urgente que não haveria tempo para tirar causa alguma para a fuga.

17, 18. Seria uma ocasião muito difícil para as mulheres grávidas e para aquelas que tivessem crianças pequenas. Uma fuga no inverno aumentaria as dificuldades de uma situação já bastante difícil.

19. Essa descrição resumida das tribulações de **aqueles dias** certamente se aplicavam aos horrores de 70 A.D., quando comparadas com *Wars of the Jews* de Josefo (Prefácio, 4; V, VI). Entretanto, há motivos para se crer que Cristo olhava para além do período romano, para a grande tribulação final que precederá a sua segunda vinda. Isto foi sugerido pelas palavras **nunca jamais haverá**, que são a tradução de uma vigorosa negativa grega (ou *mê*)).

20. Não se pode limitar este versículo à situação de 70 A.D. Nenhuma das explicações sugeridas com base sobre tal limitação satisfaz. Temos elementos aqui que vão além daquele período e se associam mais corretamente com o fim dos tempos. A referência aos **escolhidos** parece apontar para os salvos durante os dias da Grande Tribulação exatamente antes da volta de Cristo. Por amor deles Deus tem **abreviado aqueles dias** do período da terrível aflição.

22. Tão atrevidos serão esses enganadores que tentarão **desviar os próprios eleitos**. Entretanto, a cláusula, **se possível**, mostra que é inconcebível que tenham sucesso. Para identificação dos eleitos, veja Lc. 18:7; Rm. 8:33; Cl. 3:12; I Pe. 1:2.

24, 25. A profecia agora prossegue para o Segundo Advento (vs. 24-27). Cristo colocou este grande acontecimento especificamente **naqueles dias, após a referida tribulação**, obviamente se referindo ao tempo descrito em 13:14-23. Isto exige uma de duas explicações. Ou Cristo viria logo depois de 70 A.D, ou as aflições dos versículos 14-23 têm uma dupla referência, tanto à destruição de Jerusalém por Tito como à Grande Tribulação no fim dos tempos. Considerando que a primeira explicação é impossível, a última interpretação torna-se a chave para se compreender o capítulo como um todo. A linguagem usada para descrever os abalos nos céus foi em grande parte extraída do V.T. (cons. Is. 13:10; 34:4; Joel 2:10, 30, 31). Ainda que seja melhor fugir aqui a um literalismo extremo, não temos motivos para não entendermos estas expressões como se referindo às alterações celestiais reais que precederão imediatamente a vinda de Cristo. De modo nenhum torna-se estranho que um acontecimento tão momentoso seja introduzido dessa maneira.

26. Esta é a volta pessoal e corporal de Cristo à terra com grande poder e glória, que foi descrita em passagens tais como essas Atos 1:11; II Ts. 1:7-10; 2:8; Ap. 1:7; 19:11-16. "Com o céu obscurecido servindo de cenário, o Filho do Homem se revela no Shequiná da glória de Deus." (G. R. Beasley-Murray, *A Commentary on Mark Thirteen*, pág. 89). A

linguagem que foi usada aqui foi extraída de Dn. 7:13. **Verão**. Sua vinda será visível a todos os homens.

27. Neste ponto acontecerá a ressurreição dos justos mortos e a transformação dos santos vivos (cons. I Co. 15:51-53; I Ts. 4:13-18). Então ele **reunirá os seus escolhidos**, os redimidos de todas as dispensações, presente e passadas. Quanto à palavra **escolhidos**, veja 13:22. A palavra *episynaxeí, ajuntará*, é a forma verbal do substantivo *episynagôgê*, "ajuntamento", em II Ts. 2:1 (reunião). Ajuntar-se-ão com o Senhor descendo, vindos de todas as partes da terra (**dos quatro ventos**), até mesmo dos recantos mais remotos (**da extremidade da terra até à extremidade do céu**).

28, 29. Tendo terminado a descrição dos acontecimentos futuros, o Senhor voltou a discutir a necessidade de se vigiar (vs. 28-37). Não há nenhuma indicação de que Israel esteja aqui simbolizada pela figueira. Em vez disso, a parábola é apenas uma demonstração da verdade que os acontecimentos futuros lançam suas sombras diante deles. Quando essas coisas começarem a acontecer, saberemos que a consumação está muito próxima. As cousas às quais Cristo se refere são os acontecimentos descritos nos versículos 14-25.

30. A explicação mais natural da expressão, **esta geração**, é que ela se refere à geração viva quando Cristo estava falando. Durante a vida dela todas essas coisas aconteceriam no que se refere à destruição de Jerusalém em 70 A.D. Esse acontecimento foi empregado por Cristo como um quadro preliminar prefigurado, em todas as suas características essenciais, o fim desta dispensação (cons. Mc. 9:1).

32. A **hora** e o **dia** exatos da volta de Cristo não podem ser discernidos pelo homem. Na verdade, o momento só é conhecido por Deus Pai. A declaração de que o **Filho** não sabe o momento da consumação deve ser entendida à luz da sua auto-limitação durante os dias de sua humilhação (cons. Fl. 2:5-8). Ele assumiu uma posição de completa sujeição ao Pai, exercendo seus atributos divinos apenas quando o Pai mandava (cons. Jo. 8:26, 28, 29).

33. Estai de sobreaviso. Este presente imperativo exige constante estado de alerta. O mesmo acontece com o verbo **vigiai**, que significa *manter-se acordado* (Arndt págs. 13, 14). Tal prontidão é necessária por que não sabemos quando esses acontecimentos do fim dos tempos podem se desencadear sobre nós.

35. O discípulo deve vigiar continuamente (gr. pres.). Este verbo, como também aquele do versículo 33, significa *estar ou manter-se acordado*. Exige prontidão constante contra o sono ou a modorra (Arndt, pág, 166; cons. v. 36), **se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã**. São as quatro vigílias da noite de acordo com a computação romana.

36. Tal prontidão é necessária para que o Senhor não chegue quando nós não o estivermos esperando. Isto é o que ele quer dizer com **não vos ache dormindo**. Para a pessoa que não estiver alerta, a vinda de Cristo será súbita. Aquele que estiver alerta verá os sinais da volta do Senhor (vs. 28, 29) e não será tomado de surpresa.

VII. A Paixão e Ressurreição de Cristo. 14:1 – 16:20.

A narrativa de Marcos, agora, movimenta-se para as cenas finais da vida de Cristo na terra. Estes foram os acontecimentos que rodearam sua morte e ressurreição. Foram os atos que realizaram a eterna redenção para todas as pessoas que a aceitassem.

Marcos 14

A. Traição e Devoção. 14:1-11.

Estes versículos começam com uma descrição da dissimulação com a qual os sacerdotes e escribas planejaram a morte de Jesus (vs. 1, 2). Por outro lado, segue-se uma comovente narrativa da devoção de Maria (vs. 3-9). Então, um contraste ainda mais chamativo, o evangelista conta a traiçoeira conspiração de Judas contra o Senhor (vs. 10, 11).

1. Dali a dois dias. O ponto do qual esses dois dias foram calculados foi provavelmente a tarde da última terça-feira, momento em que os líderes judeus estavam procurando **como o prenderiam à traição**. Isto colocaria a ceia da Páscoa na noite de quinta-feira.

3. Era noite de terça-feira; Cristo retornara à **Betânia** para passar a noite. Nada sabemos a respeito de **Simão, o leproso**, além do que foi contado nestes versículos, embora alguns o tenham erradamente identificado com Simão, o fariseu, em Lc. 7:36-50. **Reclinado à mesa.** Isto é, reclinado sobre um divã junto à mesa. A **mulher** da história era Maria, a irmã de Marta (cons. Jo. 12:2, 3).

O **vaso de alabastro** era um frasco de gargalo longo que tinha de ser quebrado a fim de se usar o seu conteúdo (Arndt, págs. 33, 34). **Perfume de nardo puro**, é a melhor tradução do texto grego. A planta do nardo era usada para se fazer perfume. **Preciosíssimo.** O custo era de aproximadamente cinquenta e cinco dólares por libra (cons. v. 5).

5. Trezentos denários. Era a moeda romana de prata que valia cerca de dezoito centavos americanos. **Murmuravam contra ela.** O verbo que foi usado aqui exprime forte emoção, que originalmente tem o significado de *resfolegar*. Uma tradução mais expressiva seria, *começaram a repreendê-la severamente*.

8. Ele explicou o verdadeiro motivo da atitude de Maria. O feito não foi simplesmente uma atitude de devoção, mas a intenção consciente de **ungir** Cristo antecipadamente para a sua morte e sepultamento que se aproximavam. Tendo Maria se assentado aos pés de Jesus, ouvindo atentamente os seus ensinamentos, ela compreendera, até mesmo melhor do que os discípulos, a verdade de sua morte iminente.

10. A reação de Judas diante da repreensão de Jesus foi vil. Uma análise completa de suas motivações para ir **ter com os principais sacerdotes** não é possível com nossos limitados conhecimentos. Lucas explica-o dizendo que **Satanás entrou em Judas** (22:3). Sabemos que o seu amor ao dinheiro foi a razão parcial de sua traição (cons. Mt. 26:14,

15). Também é possível que ele ficou desiludido com o fracasso de Cristo de se levantar contra Roma e estabelecer um reino judeu livre.

11. A quantia de dinheiro que **lhe prometeram** foi de trinta moedas de prata (Mt. 26:15), que valeriam entre vinte a vinte e cinco dólares. **Buscava.** Ação contínua (gr. imp.). Desse momento em diante Judas estava constantemente procurando o momento certo de traí-lo.

B. A Paixão do Senhor. 14:12 - 15:47.

A narrativa de Marcos do sofrimento e morte de Cristo pode ser assim esboçada: os acontecimentos relacionados com a última ceia (14:12-25); a caminhada ao Getsêmani (14:26-42); a prisão (14:43-52); os tribunais (14:53 - 15:15); a crucificação (15:16-41); o sepultamento (15:42-47). A cronologia habitual considera que a quarta-feira foi um dia de descanso em Betânia e que os acontecimentos da parte em consideração aconteceram na quinta e sexta-feira. Não foi explicitamente declarado que um tal dia de descanso fosse intercalado, mas uma comparação entre as narrativas do Evangelho torna necessário aceitar que ele houve.

12. O **no primeiro dia dos pães asmos** pode, à primeira vista, passar pelo dia depois da Páscoa, ou 15 de Nisã (cons. Lv. 23:5, 6). Entretanto, Marcos esclarece que ele se refere a 14 de Nisã; ele diz que foi **quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal** (cons. Êx. 12:6). Sabe-se que a Festa dos Pães Asmos era considerada como o começo do dia da Páscoa (cons. Jos. *Antig.* II xv. 1). Era a quinta-feira. Os cordeiros da Páscoa teriam sido mortos à tarde, e a ceia da Páscoa teria sido realizada depois do pôr-do-sol no começo de 15 de Nisã.

14. Tendo seguido o servo à casa, os discípulos deviam perguntar **pelo dono da casa** (grego). Não se sabe quem era o proprietário. Há quem sugira que a casa era de Marcos, mas isso não passa de especulação. O texto grego também diz, **Onde é o meu aposento?** Parece, devido o uso do pronome, que o Senhor já fizera os arranjos para o uso da sala.

Comer a páscoa. Alguns, com base em certas declarações do Evangelho de João, supõem que a refeição não fosse a Páscoa, mas uma outra anterior à Páscoa (cons. Jo. 13:1, 29; 18:28; 19:14, 31). Entretanto, está claro que Marcos descreve Cristo com a intenção de comer a Páscoa. Além disso, as declarações de João não exigem necessariamente que se aceite que a Última Ceia tenha precedido a Páscoa (A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels*, págs. 279-284).

16. Além de Cristo realmente ter a intenção de comer a Páscoa, Marcos declara especificamente que os discípulos **prepararam** a Páscoa. Isto incluiria o sacrifício e a preparação do cordeiro e demais itens necessários.

17. Ao cair da tarde. A Páscoa era comida depois do pôr-do-sol ao começar do dia quinze de Nisã.

19. A pergunta, **Porventura sou eu?** aguardava uma resposta negativa, e pode ser traduzida assim, *Não sou eu, ou sou?* Um crime tão monstruoso parecia incrível aos onze. Mateus diz (26:25) que Judas também fez a pergunta, mas era obviamente uma tentativa de esconder seu ato traiçoeiro.

20. No prato. Comer junto, e especialmente participar do conteúdo de uma vasilha comum, era sinal de estreita amizade. À luz desse costume, a traição planejada por Judas revela-se ainda mais hedionda.

21. Como está escrito a seu respeito. Veja 1:2. A passagem do V.T. à qual Jesus referiu parece ser uma que descreve a traição, talvez Sl. 41:9. Observe que o soberano propósito de Deus, expresso nas palavras, **está escrito**, não livra Judas de modo nenhum da responsabilidade moral do seu ato.

22. Na refeição da Páscoa, o **pão** que Jesus usou deveria ser os pães asmos prescritos para a festa. Quando Jesus disse **Isto é o meu corpo**, obviamente quis dizer: "Isto simboliza meu corpo". Seu corpo físico ainda estava presente. É semelhante ao uso simbólico que ocorre em Jo. 6:35; 8:12; 10:9. O mesmo é verdade acerca de sua declaração referente ao seu sangue (Mc. 14:24).

23. O cálice. Não temos jeito de verificar qual dos quatro cálices da Páscoa Jesus usou. De qualquer modo, entretanto, o conteúdo deveria ser vinho misturado com dois terços de água.

24. Nova aliança. Tanto em Mateus como em Marcos, os melhores textos gregos omitem a palavra **novo**. Entretanto, veja Lc. 22:20; I Co. 11:25. Enquanto a palavra grega *diathêkê* pode se referir a um testamento ou vontade, os antecedentes da observação de Cristo no V. T. exigem a tradução *aliança* (cons. Êx. 24:8). Não é o termo usado para expressar um trato feito entre duas partes iguais (*synthêkê*). Deus sozinho determinou as condições da aliança, e o homem só podia aceitar ou rejeitar. O sangue de Cristo é o sangue da nova aliança prometida em Jr. 31:31-34 (cons. Hb. 8:6-13). **De muitos.** Embora a preposição grega, *hyper* possa significar "em favor de", ela é usada muitas vezes significando "em lugar de". Taylor diz que esta é uma das evidências mais claras de que Jesus encarava sua morte como vicária (Vincent Taylor, *Mark*, pág. 548).

25. Jamais. Uma forte negativa significando que Jesus de modo nenhum beberia outra vez com eles durante a presente dispensação. O **reino de Deus** nesta observação é escatológico, provavelmente referindo-se à sociedade do reino milenar a ser estabelecido quando Cristo voltar (Ap. 20:4-6).

26. O hino, de acordo com o costume da Páscoa, deveria ser uma porção dos Salmos de Halel (Sl. 105-118). A caminhada até o Jardim do Getsêmani no **Monte das Oliveiras** e os três períodos de oração de Cristo estão registrados em 14:26-42.

27. Escandalizareis. A palavra originalmente significa *apanhar em uma armadilha*. Passou a se referir, também, ao ato de provocar a queda de alguém. Jesus disse, portanto, que os acontecimentos daquela noite apanhariam todos os seus discípulos desprevenidos como uma armadilha ou uma pedra de tropeço. **Esta noite... em mim.** Omitido por diversos manuscritos gregos muitíssimos significativos. **Está escrito.** Veja 1:2. A citação foi extraída de Zc. 13:7, livremente traduzida do texto hebraico.

30. Cristo enfatizou a proximidade da ocorrência – **hoje, nesta noite**. Dirigiu-se também a Pedro com o enfático pronome pessoal, **te**. Entre todos os discípulos, Pedro, embora insistisse na sua lealdade, negaria o Senhor. Nenhuma contradição deve ser imaginada em relação ao número de vezes que os outros Evangelhos mencionam que o **galo** cantaria. Os outros simplesmente declaram o fato que a negação seria feita antes do cantar do galo (a terceira vigília da noite; veja 13:35). Marcos dá mais detalhes mencionando o número específico de vezes que o galo cantaria.

31. Ele disse. Repetidamente Pedro confirmou sua jactância (gr. imp.), e ele o fez com ênfase (*veemência*). **De modo nenhum.** Uma excelente tradução da negativa dupla grega, ou *mê*, que expressa forte negação. Com isso, todos os discípulos concordavam (gr. Imp. *elegon*).

33. Ter pavor. Uma palavra forte, expressando profunda perturbação emocional e angústia. Foi traduzido de diversas maneiras (*completamente perturbado, aterrorizado, estarrecido, profundamente agitado*). Marcos acrescenta a expressão, **angustiar-se** (*adêmoinein*), que se refere a perplexidade e angústia. (MM, pág. 9).

34. Jesus estava angustiado e triste até à morte. Assim Jesus pediu **vigiai** (gr. "ficar acordado, alerta, vigilantes").

35. A **hora** sobre a qual Jesus orou foi o momento em que, no plano de Deus, ele teria de sofrer e morrer para expiação do pecado (cons. Jo. 12:23, 27; 13:1).

36. Aba é a palavra aramaica para "pai". **Este cálice** refere-se às mesmas coisas **daquela hora** (v. 35). Era o cálice de um sofrimento e morte que eram mais do que físicos. A agonia da qual o Senhor recuava era a agonia da alma resultante do ato de suportar a culpa do mundo perdido. O sofrimento seria sofrimento espiritual, uma separação de Deus Pai (cons. Mc. 15:34). E foi com referência a isto que Cristo orou pedindo que o cálice fosse afastado se possível fosse a Deus realizar seu propósito redentor de alguma outra maneira. Estava, entretanto em perfeita submissão ao Pai, desejando tão-somente a vontade dEle.

38. Aqui o Senhor acrescenta a ordem de **orar** (gr. *continuar orando*) a fim de não entrarem **em tentação**. Esse perigo deve ser interpretado como referência específica às provações iminentes associadas à prisão e morte do Senhor.

40. Pesados. Literalmente, *carregados de sono*. **Não sabiam o que lhe responder.** Não encontravam uma desculpa.

41. Ele voltou pela **terceira vez** depois de tornar a orar (Mt. 26:44). Difícil é saber em que sentido Jesus se referiu ao dormir e descansar. Há quem o interprete como uma pergunta; outros acham que é "um pouco de amargura" (Ezra P. Gould, *Mark*, págs. 271, 272). Depois de emergir das trevas daquela hora, ele já não tinha mais necessidade da certeza de que eles estavam de algum modo enfrentando a provação com ele. Parece que esse é o pensamento por trás das palavras. **Basta... Está sendo entregue.** O tempo presente significa que a traição estava acontecendo exatamente naquele momento.

43. Os versículos seguintes (43-52) narram a prisão de Cristo. A população foi conduzida por **Judas**, que sabia que Jesus costumava retirar-se para a solidão do Getsêmani (Jo. 18:2). A **turba** incluía alguns membros da corte romana aquartelada em Jerusalém como também a polícia do templo (Jo. 18:3). Sem dúvida os soldados estavam armados **com espadas** e a polícia do templo com **cacetes**. **Os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos** eram os três grupos que compunham o Sinédrio, indicando que o grupo designado para prender Jesus fora oficialmente despachado por esse corpo.

45. Judas, com tingido respeito, fez o papel de um leal discípulo, saudando seu **Mestre** (gr. *rabi*) e o beijando cordialmente. O verbo grego para este último ato é uma forma intensificada da palavra que foi traduzida para "beijar" no versículo 44. Com esse intensificado ato de fingida devoção Judas apenas aumentou a sua culpa.

48. Cristo os repreendeu por tratá-lo como se ele fosse um salteador armado ou ladrão de estrada.

49. Essa prisão em um lugar tão fora de mão sob a cobertura da noite era completamente desnecessária, uma vez que ele estivera **no templo ensinando** todos os dias. Com esse protesto Cristo apontou para o absurdo do procedimento deles, rebatendo assim seus motivos para a prisão e julgamento. Mas Deus já tinha previsto suas atitudes e predissera o curso dos acontecimentos nas **Escrituras** (como exemplo, cons. Is. 53:8, 9, 12). Portanto, apesar da lógica dos protestos de Cristo, a prisão resultaria em julgamento e o julgamento em execução.

51. Um jovem. A palavra grega *neaniskos* era usada em relação aos homens entre vinte e quatro e quarenta anos de idade (Arndt, pág. 536). Nenhum outro Evangelho registra este incidente. Conseqüentemente não temos outras informações relativas à identidade da pessoa. Já houve quem sugerisse, talvez corretamente, que Marcos fizesse uma velada referência a si mesmo. Parece que não há nenhum outro motivo para que este insignificante incidente fosse incluído.

52. Desnudo. A palavra *gymnos* não significa necessariamente que a pessoa estivesse completamente nua; era também usada para descrever uma pessoa vestida apenas de roupas íntimas.

53. Aqui a narrativa volta-se para o julgamento de Cristo pelos judeus e romanos (14:53 - 15:15). Marcos dirige-se imediatamente para a narrativa da noite do julgamento diante do Sinédrio (vs. 53-65). Que o grupo examinador era o Sinédrio vê-se pela presença de **todos os principais sacerdotes, e os anciãos e os escribas**. O sumo sacerdote nessa ocasião era Caifás.

54. Talvez porque estivesse determinado a cumprir a sua lealdade gabola, **Pedro seguia-o**. Entretanto, o medo o mantinha à distância, e como resultado não conseguiu introduzir-se na casa do sumo sacerdote com a multidão. A palavra usada por Marcos que foi traduzida para *palácio* (em inglês) é *aulên* e é realmente o pátio. João explica (18:15, 16) que outro discípulo deu um jeito de Pedro entrar. Os **serventuários** com os quais **estava assentado** eram provavelmente membros da polícia do templo e servos do sumo sacerdote.

55. A palavra traduzida para **Sinédrio** é *synedrion*. Realizaram uma longa investigação (*azêtown*, imp.) procurando testemunhas contra Jesus. Esses membros da corte judia estavam agindo como promotores públicos.

58, 59. Essas pessoas estavam falando sobre as observações que Cristo fizera durante o começo do seu ministério na Judéia por ocasião da primeira purificação do Templo (Jo. 2:19). A falsidade do seu testemunho está evidente pela deturpação da declaração e pela falta de concordância entre elas.

60. Embaraçado pela falta de concordância das testemunhas, o **sumo sacerdote** tentou envolver Cristo em uma discussão, aparentemente esperando que sua resposta o comprovasse culpado.

61. A pergunta, **És tu o Cristo?**, coloca o pronome pessoal na posição enfática; pode ser traduzido assim, *Você, você é o Messias?* Era comum entre os judeus usar ternos tais como o **Bendito** quando se referiam a Deus, para que não fossem culpados de tomar o nome divino em vão. Mateus esclarece (26:63) que o sumo sacerdote colocou Jesus sob solene juramento, que o obrigava a responder. Ele não tinha outra escapatória senão dar o seu testemunho, o qual seria usado contra ele.

62. Com uma afirmação direta, Jesus respondeu, **Eu sou**. O restante de sua resposta foi expressado em termos extraídos de Dn. 7:13 e Sal. 110:1. **A direita do Todo-Poderoso** é a mão direita de Deus. Cristo assegurou aos seus juízes que viria o dia quando eles o veriam como o Messias exercendo o poder da divindade e vindo para juízo (veja 13:26).

63. Esse foi o tipo de resposta que o sumo sacerdote desejava. Prontamente **rasgou as suas vestes**, como devia fazer quando ouvisse uma blasfêmia (cons. H. B. Swete, *Mark*, págs. 359, 360). Já não necessitavam de **mais. . . testemunhas**, uma vez que Jesus foi forçado a testemunhar contra Si mesmo, um procedimento ilegal na lei judaica.

64. A declaração de Cristo foi interpretada como **blasfêmia** porque as autoridades viam em Jesus um simples homem (cons. Jo. 10:33). A questão de sua culpa foi colocada diante de todo o concílio, e eles

unanimemente **o julgaram réu de morte**. A pena estabelecida para blasfêmia era a morte (Lv. 24:16).

65. Parece que foram alguns membros do sinédrio que começaram a tratar Jesus da maneira vergonhosa descrita. Para tais líderes religiosos do Judaísmo, altamente qualificados e respeitados, suas atitudes foram muitíssimo degradantes. Cobriram-lhe o rosto com uma venda quando batiam nele para ridicularizar seu conhecimento sobrenatural (cons. Lc. 22:64). Quando foi entregue aos **guardas** (a polícia do templo), estes seguiram o exemplo dos seus superiores e começaram a lhe bater. A palavra *rapisma* refere-se a um golpe dado com uma vara ou a uma bofetada.

67. Fixou-o. A palavra indica que ele fixou o seu olhar. Por causa da intercessão de João por Pedro (Jo. 18:15, 16), a criada sem dúvida estava certa que Pedro era um seguidor de Jesus.

68. A negação de Pedro foi reforçada pela repetição (**Não o conheço, nem compreendo o que dizes**). Apanhado pela inesperada identificação, ele se esqueceu de sua lealdade gabola. **O alpendre** para o qual Pedro saiu era o pátio externo ou o vestíbulo que dava da rua para o pátio interno. Muitos textos antigos omitem as palavras **e o galo cantou**.

69. O texto grego indica que foi a mesma **criada** que anteriormente já acusara Pedro. Entretanto, Mt. 26:71 fala de outra criada, enquanto que Lc. 22:58 declara que uma outra pessoa (do sexo masculino) dirigiu-se a Pedro diretamente. Não é necessário procurar contradições entre as narrativas neste ponto. Evidentemente havia duas criadas, o porteiro e outra pessoa, os quais apontaram Pedro entre os circunstantes. Além disso, um homem disse a Pedro "Você também é um deles".

70. A terceira acusação partiu de diversas pessoas que estavam ao redor. Provavelmente houve diversas declarações, como o tempo imperfeito *elegon* pode muito bem indicar. João 18:26 revela que uma pessoa daquelas que fazia acusações era um parente do indivíduo a quem Pedro cortou a orelha.

71. A praguejar e a jurar. Esses verbos não indicam que Pedro tenha usado de irreverência como o termo é compreendido hoje em dia. Em vez disso, ele provavelmente **amaldiçoou-se** caso estivesse mentindo e colocou-se sob juramento ao fazer a sua negativa.

72. Neste ponto as evidências dos manuscritos justificam a inclusão das palavras, **segunda vez** (veja v. 68). Os melhores textos também contêm a palavra "imediatamente" (*euthys*). O cantar do galo seguiu-se firme à terceira negativa, penetrando profundamente na consciência do discípulo. Naquele instante Pedro viu Jesus que olhava para ele (Lc. 22:61) de uma sala acima do pátio. **Caindo em si.** A palavra *epibalôn* há muito que constitui um problema de tradução aqui. Enquanto *epibalôn* descreve o início do choro, o tempo imperfeito *eklaïen*, **chorou**, descreve a continuação dele.

Marcos 15

15:1. Este versículo descreve uma segunda reunião do Sinédrio muito cedo de manhã. Lucas 22:66-71 dá um registro mais completo desta fase no tribunal judeu. Parece que houve uma tentativa de tornar legal a condenação, uma vez que era ilegal realizar um julgamento à noite. Dessa vez os romanos não permitiram que os judeus aplicassem a sentença de pena capital. Conseqüentemente foi necessário levar Jesus a **Pilatos**, que era o procurador romano que governava a Judéia.

2. O julgamento romano foi descrito em 15:2-15. Para uma narrativa mais completa do mesmo veja Jo. 18:28 – 19:16. Uma das acusações era que Jesus dizia-se rei, e foi por causa dessa alegação que Pilatos fez a pergunta. Uma reivindicação real era terreno para se julgar por traição. A resposta de Jesus, **Tu o dizes**, é suscetível de diversas interpretações. Entretanto, à luz de Jo. 18:34-38, é melhor entendê-la como resposta afirmativa, a qual, conforme João diz, foi acompanhada de uma explicação sobre que tipo de rei Jesus dizia-se ser.

3, 4. Estes versículos descrevem os **principais sacerdotes** quando jogaram uma barragem de acusações contra Jesus. Tão maldoso foi o

ataque que **Pilatos** não pôde entender a calma conduta do prisioneiro (cons. v. 5).

6. O governador estabelecera prática de soltar **um dos presos** todos os anos durante a Páscoa, talvez como tentativa de manter a boa vontade dos judeus. Os verbos *soltar* e *pedissem*, ambos estão no tempo imperfeito, mostrando que esses atos eram costumeiros, isto é, **era costume soltar...**

7. O prisioneiro **Barrabás** não era um ladrãozinho qualquer. Era um salteador (Jo. 18:40), como também um insurrecionista e assassino. Parece que o homem era um judeu que participara de uma revolta contra Roma, um crime muito parecido com aquele de que os judeus acusavam Jesus (Ezra P. Gould, *Mark*, pág. 285).

8. **Dando gritos.** (ERC) Os melhores manuscritos antigos dão *anabas*, "subiu". A multidão pediu a Pilatos que fizesse o que sempre costumava fazer (**fizesse como de costume**, gr. imp.) soltando um prisioneiro. Parece que a multidão estava pedindo a soltura de Barrabás, uma vez que talvez fosse uma espécie de herói deles por causa de sua participação na rebelião contra Roma.

11. A esta altura a multidão talvez estivesse tentada a pedir que soltasse Jesus, mas os sacerdotes **incitaram a multidão** a pedir Barrabás. A palavra *anaseiô* significa "incitar, instigar", ou mais literalmente, *excitar*, conforme demonstra a agitação excitada da população.

15. **Querendo contentar a multidão.** A expressão grega (*tohikanon poëσαι*) indica que ele estava desejoso de satisfazer os judeus, mesmo que para fazê-lo tivesse de sacrificar um homem inocente. **Açoitar.** Esse ato foi realizado com um chicote feito de tiras de couro com ásperos pedaços de metal atados às pontas. A vítima era reclinada sobre um poste baixo, e o castigo era aplicado sobre as costas nuas. Muitas vezes os cortes profundos abriam a carne até os ossos.

16. Ainda não eram 9 horas da manhã. O julgamento diante de Pilatos foi seguido muito de perto da crucificação (15:16-41). **Os**

soldados a quem Jesus foi confiado eram militares romanos sob a jurisdição de Pilatos. O **palácio**. A palavra grega é *aulê*, "pátio", como em 14:54, onde foi traduzido também para "palácio". Marcos explica que era o **pretório**, um termo que pode muito bem se referir tanto ao palácio de Herodes como à fortaleza de Antônia, onde as tropas romanas estavam aquarteladas (cons. Arndt, pág. 704). De qualquer maneira, parece referir-se ao quartel dos soldados. A corte romana era formada de aproximadamente seiscentos homens. Entretanto, o número variava de acordo com a situação, e neste exemplo poderia ser bem menor.

19. Os três verbos, **Davam, cuspiam e adoravam** estão todos no imperfeito, descrevendo a repetição desses atos. Soldado após soldado zombava cruelmente da mal-interpretada reivindicação de Jesus de ser um rei.

21. João 19:17 explica que quando o cortejo partiu para a execução, Jesus estava levando a sua própria cruz. Logo depois, entretanto, os soldados deram com **Simão** e o obrigaram a carregar o instrumento da execução. A identidade desse homem era evidentemente conhecida dos leitores romanos de Marcos, pois Marcos menciona seus filhos, **Alexandre e Rufo**, como se fossem pessoas conhecidas. Havia um Rufo em Roma quando Paulo escreveu a Epístola aos Romanos (16: 13).

22. Gólgota é uma palavra aramaica que quer dizer *caveira*. O local era provavelmente assim chamado por causa do seu formato. O sítio que tradicionalmente é defendido por muitos é o da Igreja do Santo Sepulcro. Outros insistem na colina conhecida como o Calvário de Gordon. No interesse da objetividade devemos admitir que, no presente momento, uma identificação acurada do local é impossível.

23. Deram-lhe. O tempo imperfeito, *edidoum*, ficaria melhor traduzido para *eles iam lhe dar*. Jesus recusou a bebida depois de experimentá-la e descobrir o que era (Mt. 27:34). **Mirra** servia como entorpecente administrado para minorar a tortura da horrível morte pela crucificação. Jesus, entretanto, recusou permitir que essa poção estupefaciente anuviasse seus sentidos.

24. Os detalhes da crucificação estão ausentes em todos os Evangelhos. Sabe-se de Jo. 20:25 que cravos foram usados para prender suas mãos na cruz. A crucificação foi reconhecida como uma das mais cruéis formas de execução empregada no mundo antigo. Frequentemente a vítima era abandonada sobre a cruz por diversos dias antes que a morte aliviasse seu intenso sofrimento. As **vestes** da pessoa condenada ficavam para os executantes.

25. A hora da execução coloca-se na hora terceira, que era a designação judia para as 9 horas da manhã. O julgamento diante de Pilatos aconteceu na sexta hora, de acordo com o tempo romano, que seria às 6 horas da manhã (cons. Jo. 19:14).

26. Costumava-se usar qualquer tipo de placa indicando o nome e a **acusação** do condenado. Marcos dá apenas o crime do qual Jesus foi acusado. João indica que o título também continha a identificação **Jesus Nazareno** (19:19). Não há contradição; Marcos é apenas mais conciso.

27. Os dois criminosos que foram crucificados com Jesus eram mais do que reles ladrões. Conforme 14:48, *lêstês* significa "salteador, assaltante".

29, 30. **Blasfemavam dele.** Os transeuntes blasfemavam (*eblasphêmoun*, imp.) de Jesus. **Meneando as cabeças.** Sacudiam as cabeças em desaprovação desdenhosa. A lógica por trás do seu sarcasmo era um argumento de cima para baixo. Se ele podia reconstruir o Templo em três dias, podia certamente e com toda facilidade **descer da cruz**.

31. **Os principais sacerdotes e os escribas** também participavam da zombaria, mas entre si. Seu, muitas vezes, repetido sarcasmo referente à incapacidade de Cristo de se salvar era na realidade uma negativa de que ele pudesse ajudar alguém. Se não podia livrar-se do sofrimento e morte, como poderia livrar outra pessoa?

33. Passaram-se três horas; era o meio do dia, a hora sexta. Quando o sol estava em todo o seu esplendor, **houve trevas (*egeneto*) sobre toda terra**. Não poderia ter sido um eclipse total que escurecesse toda a terra, Lenski argumenta (Lenski, *Interpretation of Mark*, pág. 713-714), pois a

Páscoa acontecia na lua cheia, quando tal eclipse não era possível. O que causou as trevas não foi declarado. Certamente o fenômeno foi sobrenatural. **A hora nona** era às 15 horas (veja v. 25).

34. Jesus ficou na cruz durante seis horas. Seu grito foi uma citação do Sl. 22:1. **Eloí, Eloí, lamá sabactâni** é uma transliteração do aramaico, a língua nativa de Cristo. Marcos, como de costume, deu o significado da expressão aramaica para os seus leitores romanos. Esse grito de abandono fornece um vislumbre do sofrimento íntimo de Cristo na cruz. Sua maior agonia não foi física; foi, antes, agonia da alma quando levou sobre si a culpa do pecado do mundo. O sentido no qual Deus **desamparou** Cristo foi que o Pai interrompeu a comunhão com o Filho. Deixou de manifestar o seu amor em relação ao Filho. Em vez disso, Cristo tornou-se o objeto do desprazer do Pai, pois era o Substituto do pecador. Cristo se tornou "pecado por nós" (II Co. 5:21), e um Deus santo não pode olhar para o pecado com agrado.

36. O vinagre era vinho azedo que matava a sede mais depressa do que água (Arndt, págs. 577, 578). Considerando que não era uma mistura entorpecente como a do versículo 23, Jesus aceitou-a sem protesto (cons. Jo. 19:29,30). **Se Elias vem.** Não temos motivos para deduzirmos que as pessoas que falavam fossem sinceras em suas palavras. Sem dúvida era continuação da zombaria tão evidente em 15:29-32.

37. Expirou. A palavra grega é *exepneusen*, que literalmente significa *expirou*. Não foi uma luta prolongada, tal como o tempo imperfeito poderia descrever. Em vez disso, o aoristo descreve um acontecimento rápido, momentâneo. Expirou e já tinha partido.

38. O véu era a pesada cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos no santuário (naos, "santuário"). Veja a descrição em Josefo, *Wars of the Jews*, V, v. 4. O rasgão moveu-se **de alto a baixo**, talvez apontando para a origem divina do acontecimento. Seu momento de ocorrência foi significativo. Considerando que era a hora do sacrifício da tarde, o rasgar do véu não poderia passar despercebido. O significado da abertura do Santo dos Santos está explicado em Hb. 9:7, 8; 10:19-22.

39. Um centurião tinha cem homens sob o seu comando. Nesta ocasião o oficial estava encarregado de um destacamento menor designado para a crucificação. **Em frente dele.** Isto é, estava diante da cruz. A declaração do centurião de que Jesus **era o Filho de Deus** não deve ser tomada no pleno sentido cristão. Em primeiro lugar, o artigo não aparece no texto grego. Deve-se ler, portanto, "um filho de Deus", ou quando muito, "Filho de Deus". A bagagem pagã do oficial romano não deve ser ignorada. Ele pode muito bem ter visto Jesus como um ser sobrenatural, mas que ele possuía todo o conceito cristão da divindade de Cristo é improvável. Mais adiante, Lucas registra que ele declarou que Jesus era **homem justo** (23:47). Para forçar uma interpretação contrária, veja Lenski, *Interpretation of Mark*, págs. 725-727.

40. Maria Madalena não deve ser confundida com Maria de Betânia (Jo. 12:1 e segs.) nem com a mulher pecadora de Mc. 7:37. Ela vinha de Magdala na Galiléia, e fora libertada da possessão demoníaca por meio de uma ordem de Jesus (Lc. 8:2). A segunda **Maria** parece que era a mãe de Tiago, filho de Alfeu, um dos discípulos (Mc. 3:18). **Salomé** foi descrita como sendo a mãe de Tiago e João, os filhos de Zebedeu (Mt. 27:56).

42. A narrativa da Paixão termina com uma descrição do sepultamento de Jesus (vs. 42-47). **Ao cair da tarde.** A tarde mencionada aqui deve ser forçosamente o começo da tarde, entre a hora do sacrifício da tarde (15 horas) e o pôr-do-sol (18 horas). Os preparativos para o sepultamento tinham de ser feitos antes do começo do **sábado** ao pôr-do-sol (cons. Jo. 19:31-37). Observe a explicação de Marcos referente ao termo judeu, **da preparação**, para seus leitores gentios.

43. Nada sabemos sobre **José de Arimatéia** exceto o que os Evangelhos apresentam em relação a este acontecimento (cons. Mt. 27:57; Lc. 23:51; Jo. 19:38). **Pediu** (*aiteô*) o corpo.

46. O lençol foi enrolado à volta do corpo de Jesus em tiras (cons. Jo. 19: 40, texto grego). O **túmulo** fora **lavrado** na rocha por um canteiro, prática comum naquela vizinhança. Mateus declara que a

sepultura pertencia a José e que era nova (27:60). A **pedra** que foi rolada diante da entrada era provavelmente uma laje circular que encaixava em uma reentrância da rocha escavada para tal propósito.

Marcos 16

C. A Ressurreição do Senhor. 16:1-20.

O último capítulo do Evangelho encaixa em duas seções inteiramente distintas. A visita das três mulheres à sepultura ocupa 16:1-8. O restante do capítulo, 16:9-20, forma um sumário dos aparecimentos de Cristo depois da ressurreição, concluindo com a sua ascensão.

1. Considerando que o **sábado** terminava ao pôr-do-sol, parece que as três mulheres mencionadas em 15:40 foram a uma das vendas que se abriram novamente à tarde e compraram o material necessário. Os aromas (*arômata*) eram líquidos, tais como o azeite perfumado, pois as mulheres planejavam ungir o corpo de Jesus.

2. E muito cedo. João diz que ainda estava escuro (20:1), quando Marcos afirma que foi ao **despontar do sol**. O conflito aparente resolve-se facilmente se supormos que as mulheres começaram a sua caminhada enquanto ainda estava escuro e chegaram à sepultura exatamente quando o sol nascia.

4. E, olhando. A palavra é *anablepô*, significando "levantaram os olhos". Talvez elas se aproximaram andando de cabeças abaixadas.

5. Marcos conta que **viram um jovem**. Mateus descreve a pessoa como sendo um anjo que removera a pedra (28:24). E Lucas diz que havia dois homens com vestidos resplandecentes (24:4). A variedade é uma evidência de que estas são as narrativas de diversas testemunhas oculares, cada uma descrevendo o que mais a impressionou. A história completa incluiria o aparecimento de dois anjos, um dos quais rolou a pedra e falou às mulheres. **Surpreendidos.** A palavra seria melhor traduzida para *completamente atônitas*. Lenski usa a palavra "mudas de surpresa" (*Interpretation of Mark*, pág. 742).

6. Não vos atemorizeis. Poderia ser traduzido para *Deixem de ficar completamente atônitas*. O anjo assegurou-lhes que Jesus **ressuscitou** e que não estava mais ali, em prova do que chamou a atenção delas para **o lugar onde o puseram**. João 20:6, 7 informa-nos que os panos que o envolviam ainda estavam lá.

7. Observe como **Pedro** foi destacado nos preparativos para uma reunião na Galiléia. Através disso o discípulo caído recebeu a certeza de que Cristo não o rejeitara como resultado de suas negativas (14:66-72). Uma comparação feita com os outros Evangelhos mostra que os discípulos não partiram imediatamente para a Galiléia e que Cristo apareceu primeiro a Pedro (Lc. 24:34) e depois aos discípulos naquela tarde (Lc. 24:36). A reunião na Galiléia foi registrada em Mt. 28:16-20.

8. Estavam possuídas de temor e de assombro. O original de Marcos é mais vigoroso. Ele diz: ". . . foram tomadas de tremor e espanto". Não foi sem razão que **fugiram do sepulcro**. A declaração de que nada disseram **a ninguém** deve ser entendida à luz dos outros Evangelhos. Nada disseram ao longo do caminho, pois estavam com medo e com pressa de levar a notícia aos discípulos (cons. Mt. 28:8; Lc. 24:9, 10).

Nota textual. 16:9-20. Nos dois manuscritos do N. T. grego mais dignos de crédito (do Vaticano e o Sinaítico) o Evangelho termina com 16:8, como acontece também com diversas versões mais antigas. Tanto Eusébio como Jerônimo declaram que o final estava ausente na maior parte dos manuscritos do seu tempo. Além disso, diversos textos e versões oferecem um substituto mais resumido de 16:9-20. Maior número de manuscritos têm a conclusão mais longa, mas grande parte deles são de data recente e de qualidade inferior. Pelos padrões reconhecidos da avaliação textual, tanto as conclusões mais longas como as mais curtas devem ser rejeitadas, e esse é o julgamento de quase todos os mestres do texto. Lenski é um dos poucos comentaristas que argumenta em favor da conclusão mais longa (*Interpretation of Mark*, pág. 750-755). Além disso, um exame dos versículos 9-20 não deixa de

impressionar o estudante atento com o fato de que esses versículos diferem acentuadamente no estilo do restante do Evangelho. Talvez a explicação mais aceitável seja que o final do evangelho original tenha sido rasgado e perdido antes que cópias adicionais fossem tiradas. Talvez outros tenham tentado acrescentar um final substitutivo, sendo o mais bem sucedido aquele que agora aparece em 16:9-20.

9-11. A narrativa original, que aqui foi resumida, encontra-se em Jo. 20:11-18. Observe que a ênfase do autor foi colocada sobre a incredulidade dos discípulos (Mc. 16:11, 13, 14).

12, 13. Para uma narrativa mais completa deste acontecimento, veja Lc. 24:13-35. **Em outra forma.** Lc. 24:16 diz que seus olhos estavam de algum modo afetados de modo que não reconheceram Cristo. Se Cristo realmente mudou a sua aparência não o sabemos. **Os outros** eram os onze discípulos em Jerusalém (Lc. 24: 33).

14-18. Este aparecimento **aos onze** seguiu-se imediatamente depois do aparecimento aos viajantes de Emaús (Lc. 24:36-49; Jo. 20:19-25). Lucas e João não dão a impressão de que Jesus os tenha repreendido por causa da **incredulidade e dureza de coração**, mas que ele reconheceu como era difícil para eles crer, e procurou remover essa dificuldade oferecendo provas da sua ressurreição.

Quem crer e for batizado. Este versículo tem sido usado por alguns para tentar provar que o batismo é necessário à salvação. Em primeiro lugar, o fato de que a declaração só aparece nesta conclusão controvertida do livro de Marcos deveria indicar a necessidade de cautela no uso do versículo como prova. E então, deve-se notar que na segunda metade do versículo a única base para a condenação é a recusa em crer. Pode-se, portanto, concluir que a única base para a salvação é a fé. Tal interpretação está em completa harmonia com o todo dos ensinamentos do N. T. em relação ao assunto (cons. Rm. 3:28; Ef. 2:8, 9). A declaração relativa à expulsão de **demônios** e falar em **novas línguas** (v. 17) pode muito bem ser uma referência aos acontecimentos na igreja primitiva conforme narrados em Atos. Até mesmo as palavras

sobre o pegar em **serpentes** podem ser alusivas à experiência de Paulo em Atos 28:1-6. O N. T. não contém nenhuma outra passagem que fale de beber veneno (**alguma coisa mortífera**). Mesmo se esta passagem fosse indiscutivelmente genuína, não poderia ser racionalmente usada como base para deliberado e presunçoso manejo de cobras e para se beber veneno conforme praticado por algumas seitas religiosas extremistas.

19, 20. Este resumo final refere-se à ascensão de Cristo e o ministério sucessivo dos seus seguidores. A frase, **depois de lhes ter falado**, parece implicar que a ascensão de Cristo aconteceu imediatamente após seu aparecimento aos onze à tarde do dia da sua ressurreição (vs. 14-18). Entretanto, uma comparação com Lv. 24:50-53 e Atos 1:1-11 mostra que se passaram quarenta dias depois da sua morte. O versículo final pode muito bem servir como um pequeno resumo do livro de Atos. **O Senhor e confirmando a palavra.** Observe a extraordinária semelhança com Hb. 2:4.